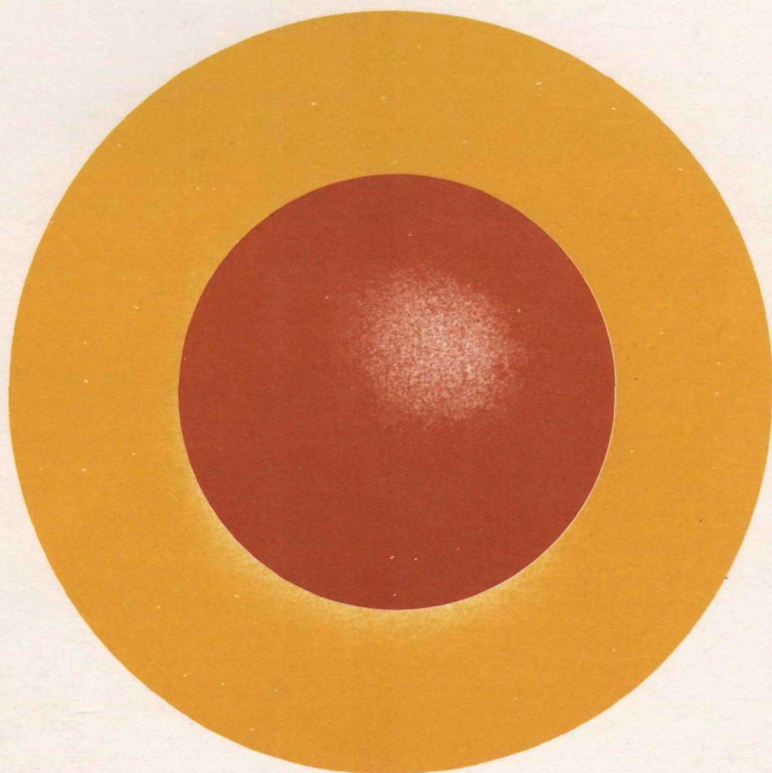
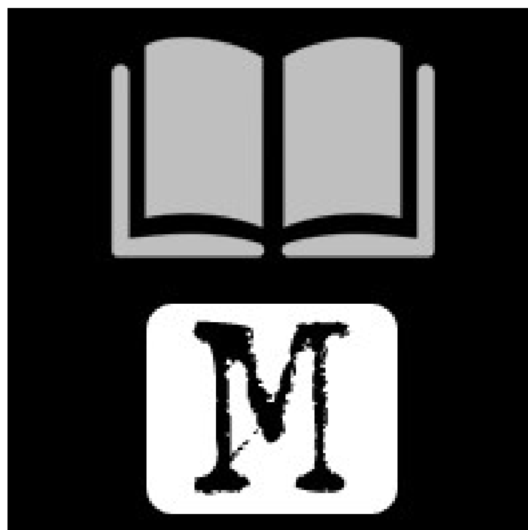
GLOSSÁRIO DE DERRIDA

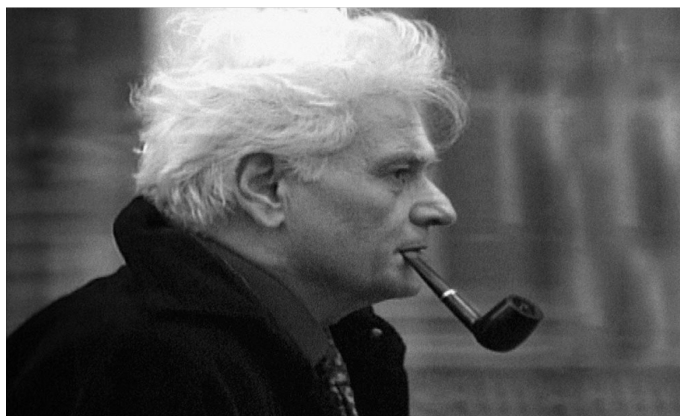
Supervisão de
Silviano Santiago



francisco alves



Coleção Jacques Derrida



Outros Títulos da Coleção Jacques Derrida

A Escritura e Diferença
A Farmacia de Platão
A Voz e o Fenômeno
Adeus a Emmanuel Lévinas
Gramatologia
Khôra
O Animal que Logo Sou
Margens da Filosofia

GLOSSÁRIO DE DERRIDA

Trabalho realizado pelo Departamento
de Letras da PUC/RJ
Supervisão geral de Silviano Santiago

Livraria Francisco Alves Editora S. A.

capa: 

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Ficha catalográfica

(Preparada pelo Centro de Catalogação-na-fonte do SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ)

G484 Glossário de Derrida; trabalho realizado pelo Departamento de Letras da PUC/RJ, supervisão geral de Silviano Santiago. Rio de Janeiro, F. Alves, 1976. 104p. 21cm.

1. Derrida, Jacques — Linguagem — Glossários, etc. I. Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro. Departamento de Letras II. Santiago, Silviano.

CDU — 19 Derrida (038)
CDD — 194

76-0417

1976

LIVRARIA FRANCISCO ALVES EDITORA S.A.
Rua Barão de Lucena, 43 ZC-02
20.000 Rio de Janeiro, RJ

INTRODUÇÃO

Os textos de Jacques Derrida apresentam um encadeamento conceitual dos mais curiosos: uma vez apresentado e definido o termo, o autor volta a usá-lo em outros lugares (em outros livros) com uma sem-cerimônia absoluta. Isto é, emprega o termo de novo sem tomar as devidas precauções de clareza que ajudariam — e muito — um leitor principiante. Tendo, portanto, perdido o momento da inscrição e definição de um termo, o leitor ficará literalmente no ar diante desse vocabulário que lhe parecerá (então) hermético, muito além do seu conhecimento e argúcia. Tal dificuldade se soma ao fato de que a construção da frase de Derrida não é sempre a mais cartesiana, embora sua sintaxe tenha a lógica do impecável que, em prosa francesa, era antes único privilégio de Mallarmé. Por fim, diga-se que o gesto básico dos textos de Derrida articula um agressivo questionamento dos pressupostos históricos sobre que se apóia o discurso da metafísica ocidental. Tal gesto se traduz por uma constante violência contra a interpretação clássica de certos livros, contra o uso indiscriminado de certos conceitos e sobretudo contra a "ingenuidade" filosófica da maioria dos chamados autores "estruturalistas".

Frente, portanto, a um léxico de significado flutuante, a uma sintaxe de fatura barroca e a um pensamento iconoclasta, quem abre *La dissémination* desiste muitas vezes de sua leitura na terceira ou quarta página. Tal problema vinha dando o tom e sendo o lugar-comum dos comentários de corredor e de esquina sobre a obra de Jacques Derrida. Tal problema ainda o encontraríamos como primeira e ameaçadora barreira quando iniciamos nossas aulas sobre "interpretação" (segundo alguns teóricos franceses), num seminário de pós-graduação do Departamento de Letras e Artes (PUC/RJ).

Assim sendo, resolvemos optar por uma estratégia de leitura e compreensão do texto cujos frutos agora entregamos ao

leitor. A estratégia se desdobra em três fases. Nestas, o trabalho de ler e anotar, de re-ler as anotações e escrever, se deu em um único e coletivo gesto: este glossário. Produto, pois, de uma leitura exaustiva de certos textos, é ele confiado ao leitor principiante para que o possa auxiliar nos primeiros passos do labirinto da *différance* (consultar). Desdobremos as três fases:

a — selecionar previamente e discutir em aulas textos de Derrida que nos pareciam ser os *núcleos* mais significativos de configuração e definição de termos;
b — dividir a turma de 21 alunos em quatro grupos de estudo e pedir para que cada grupo apresentasse no final do semestre seu próprio glossário;
c — de posse de *quatro* versões diferentes de cada verbete, selecionar apenas a que nos parecia a mais realizada.

Devo dizer que, do ponto de vista do professor, todo esse trabalho de redação e seleção dos verbetes obedeceu a um critério de anonimato, pois os verbetes não vinham assinados e as quatro versões se embaralhavam na leitura final que fizemos de todo o material. Assim é que podemos agora publicar, sem nenhuma discriminação, o nome de todos os alunos que estiveram envolvidos neste projeto coletivo:

Ana Lúcia Medina Gomes, Ana Maria Zanelli Moreira de Oliveira, Anamaria Skinner Styzei, Constância Pimenta Lima, Diva Maria Cunha de Macedo, Eduardo de Assis Duarte, Evelina de Carvalho Sá Hoisel, Gilda Salem Szklo, Ivone da Silva Ramos, Luiz Fernando Medeiros de Carvalho, Maria Consuelo Cunha Campos, Maria Consuelo A. V. do Prado, Maria da Conceição C. de Barcelos, Mavia Zettell, Nilceli Magalhães, Roberto Correa dos Santos, Sílvia Regina Pinto, Sônia Régis Barreto, Sylvia Lima Bedran, Vera Lúcia de Britto Novis, Vera Maria de Matos Ferreira.

Depois de ordenados os verbetes, entregamo-nos a uma tarefa de revisão e aprimoramento dos detalhes, bem como de tradução e unificação das citações. Nesse trabalho final, fo-

mos ajudados pela eficiência e prontidão de Anamaria Skinner Styzei.

A todos os nossos agradecimentos.

Silviano Santiago
Agosto de 1975

CONVENÇÕES

As abreviações utilizadas correspondem às seguintes obras de Jacques Derrida:

ED — *A escritura e a diferença,* São Paulo, Perspectiva, 1971.
G — *Gramatologia,* São Paulo, Perspectiva, 1973.
VPh — *La voix et le phénomène,* Paris, Presses Universitaires de France, 1972, 2ª edição.
D — *La dissémination,* Paris, Seuil, 1972.
P — *Positions,* Paris, Minuit, 1972.
MPh — *Marges de la philosophie,* Paris, Minuit, 1972.
TE — Derrida *et alii. Théorie d'ensemble,* Paris, Seuil, 1968.

Foram empregados os seguintes sinais convencionais:
* : remissão para um verbete cuja leitura consideramos aconselhável
em grifo: palavras estrangeiras e palavras-chave.

ARQUIESCRITURA (*ARCHI-ÉCRITURE*)

Escritura primeira, não no sentido de precedência histórica à palavra proferida, mas que antecede a linguagem falada e a escrita vulgar.

Derrida procura inverter a relação tradicional que considera a escrita como uma mera representação secundária da linguagem falada. Para ele, o conceito vulgar de escrita só pôde historicamente impor-se pela dissimulação da arquiescritura, "pelo desejo de uma fala expelindo seu outro e seu duplo e trabalhando para reduzir sua diferença" [1].

A arquiescritura não poderá ser reconhecida como *objeto* de uma "ciência" e nem se deixar reduzir à forma da "presença"*. Negando-se à presença, existiria apenas "uma diferença, uma distância, um lugar entre". A arquiescritura é a inscrição da *marca-da-diferença*. Se esta é a origem do sentido em geral, isso nos revela que não existe uma origem* absoluta do sentido.

"Escrever é saber que o que ainda não se produziu na letra não tem qualquer outra morada, não nos espera como *prescrição* em qualquer entendimento divino. O sentido deve esperar ser dito ou escrito para se habitar a si próprio." [2]

---

1. *G*, p. 69.
2. *ED*, p. 24.

AUSÊNCIA (*ABSENCE*)

O termo subsumiria, em Derrida, todo um projeto de desconstrução*, ou seja, um "abandono declarado de toda referência a um *centro*, a um *sujeito*, a uma *referência* privilegiada, a uma origem ou a uma arquia absoluta" [1].

A um *significado transcendental**, presença exterior e apriorística, Derrida propõe o movimento (jogo) da *suplementaridade* em que todo e qualquer elemento pode vir a ocupar, já não diríamos o *centro*, porque seria, de certa forma, uma re-caída dentro do pensamento clássico, mas uma eventual "posição" de referência sempre passível de des-locação (ou de de-posição).

Ausência seria, para Derrida, o signo nietzschiano sem verdade presente, o sujeito freudiano *ausente* da consciência enquanto identidade a si. Ou, com Heidegger, seguindo os traços de um primeiro indício de um projeto de descentramento*, ao analisar (em "Ousia e Gramme") o sempre presente conceito de presença* dentro da filosofia ocidental: "A experiência do pensamento e o pensamento da experiência não têm outra coisa em comum senão a *presença*. Também não se trata, para Heidegger, de propor que pensemos de outra maneira, se isso quiser dizer pensar *outra coisa*. Trata-se, antes, de pensar o que *não* foi possível ser, *nem* ser pensado *de outro modo*. Dentro do pensamento da impossibilidade desse outro modo, nesse *não-outro-modo*, se produz uma certa diferença, um certo oscilar, um certo descentramento que não é a posição de um outro centro. Um outro centro seria um outro *maintenant* [um outro *agora*, um outro instante da presença]; este *deslocamento*, ao contrário, não visaria a uma *ausência*, quer dizer, a uma outra presença; ele não substituiria nada" [2].

---

1. *ED*, p. 240.
2. *MPh*, pp. 41-42.

COMPLEMENTO (*COMPLÉMENT*)

Pertinente à tarefa analítica, a noção de complemento diz respeito a uma ausência que deve ser preenchida. Roland Barthes, em artigo escrito em 1963 [1], afirmava que o fim de toda atividade estruturalista, fosse ela reflexiva ou poética, era o de reconstituir um objeto de maneira a manifestar nessa reconstituição as regras de funcionamento do mesmo. Via ele, então, nessa transformação analítica um acréscimo semântico (vemos hoje, de valor metafísico): o inteligível que se acrescentava ao sensível, um complementando o outro.

O estabelecimento da decomposição sintagmática e a explicação pelo funcionamento paradigmático dos elementos internos visavam a deixar falar aquilo que restava ininteligível no objeto "natural", merecendo assim um comportamento de esclarecimento, de recuperação *a posteriori*, ou seja: obtinha-se um complemento no processo de organização da nova estrutura, complemento que era o "simulacro" do objeto "natural".

Esse tipo de análise, produto de um jogo de transformações numa dimensão paradigmática, tinha a diferença* como conceito semântico, mas não a tinha como conceito operacional; portanto só poderia operacionalizá-la plenamente com a constatação da *différance** — momento anterior a qualquer lógica binária. O jogo* e a relação aí se esgotavam na tentativa de reconstituição lógica de um texto pelo seu simulacro.

---

1. Cf. "L'activité structuraliste", *Essais critiques*, Paris. Seuil, 1964.

COMPLEMENTO, LÓGICA DO
(*COMPLÉMENT, LOGIQUE DU*)

Está ligada ao pensamento da metafísica ocidental, à lógica da *identidade* e da *presença**. Supõe, portanto, a presença das dicotomias clássicas, como dentro/fora, bem/mal, verdadeiro/falso, essência/aparência, mesmo/outro, etc. "Para que esses valores contrários possam opor-se, é preciso que cada um dos termos seja simplesmente *exterior* ao outro, isto é, que uma das oposições (dentro/fora) já esteja credenciada como a matriz de toda oposição possível. É preciso que um dos elementos do sistema (ou da série) valha também como possibilidade geral da sistematicidade ou da serialidade."[1]

Ao *complemento* Derrida opõe o *suplemento**. A um *outro,* ausente e exterior, que venha se acrescentar a um *mesmo* pleno, original e presente, ele propõe um *outro* que já é sempre um *mesmo* diferido, que se inscreve em sua *margem**; *outro* suplementar que, anterior às oposições clássicas, se dá como *différance**, sendo mesmo impensável diante das dicotomias inerentes à lógica do complemento.

A *análise,* tal como colocada nos primeiros textos de Barthes, se enquadraria então perfeitamente dentro da lógica do complemento, na medida em que apresentaria um *corpo* inteligível que é *simulacro* de um outro corpo fechado no domínio do sensível. O inteligível comporta-se como complemento do sensível.

---

1. "La pharmacie de Platon", *D,* pp. 117-18.

CONCEITO TRANSFILOSÓFICO (*CONCEPT TRANS-PHILOSOPHIQUE*)

A expressão nasce do questionamento feito por Jacques Derrida [1] ao gesto de Lévi-Strauss, em *Le cru et le cuit,* de transformar a investigação dos mitos em movimento de imitação do próprio pensamento mítico, isto é, opor o discurso estrutural sobre os mitos ao discurso epistêmico, fazendo com que tenha a "forma daquilo de que fala". Essa oposição, no entanto, como é criticada por Derrida, cria riscos ao impor uma equivalência discursiva. Para ele, torna-se necessário um levantamento das "relações entre o filosofema, ou o teorema, de um lado, e o mitema, ou mitopoema, do outro" para não se cometer um erro de dispersão e *despercebimento* dentro do campo filosófico. "O que pretendo acentuar é apenas que a passagem para além da Filosofia não consiste em virar a página da Filosofia (o que finalmente acaba sendo filosofar mal), mas em continuar a ler de *uma certa maneira* os filósofos." [2] Portanto, os conceitos transfilosóficos nascem de uma necessidade de transpor os limites cerceadores do pensamento metafísico ocidental, num discurso desconstrutor, mas trazem em si mesmos a negação dessa libertação, na medida em que apenas funcionam como empirismo ingênuo. Não se descentra um discurso criando uma outra linguagem. Desconstruir é trabalhar com os próprios conceitos filosóficos (da filosofia clássica), questionando os preconceitos do fono-logo-etnocentrismo*.

---

1. Cf. "A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas", em *A escritura e a diferença,* São Paulo, Perspectiva, 1971.
2. *ED,* p. 243.

DESCENTRAMENTO (*DÉCENTREMENT*)

A leitura intertextual*, vinculada ao jogo* e ao suplemento*, nos remete à problemática do descentramento, por oposição aos conceitos clássicos de estrutura centrada, origem* e presença*.

A partir de uma leitura desconstrutora do texto artístico, observamos que o significado não possui mais um lugar fixo (centro), mas, sim, passa a existir enquanto construção substitutiva que, na ausência de centro ou de origem, faz com que tudo se torne discurso e a produção da significação se estabeleça mediante uma operação de diferenças. Dessa forma, eliminando-se qualquer referência a um centro, a um sujeito, e não mais se privilegiando aspecto algum sob o disfarce da "origem", a atividade interpretativa, com base na polissemia* do texto artístico, vai permanecer sempre incompleta, ou noutras palavras, nunca pretendendo chegar a esgotar o significado do objeto-texto na sua totalidade.

DESCONSTRUÇÃO (*DÉCONSTRUCTION*)

Operação que consiste em denunciar num determinado texto (o da filosofia ocidental) aquilo que é valorizado e em nome de quê e, ao mesmo tempo, em desrecalcar o que foi estruturalmente dissimulado nesse texto.

A leitura desconstrutora da metafísica ocidental se apresenta como a discussão dos pressupostos, dos conceitos dessa filosofia, e portanto a denúncia de seu alicerce logo-fono-etnocêntrico*. Apontar o centramento é mostrar aquilo que é "relevado" (*relevé*) no texto da filosofia; apontar o que foi recalcado e valorizá-lo é a fase do *renversement**. A leitura desconstrutora propõe-se como leitura descentrada e, por isso mesmo, não se reduz apenas ao movimento de *renversement,* pois se estaria apenas deslocando o centro por inversão, quando a proposição radical é a de anulação do centro como lugar fixo e imóvel. Derrida diz que, em Lévi-Strauss, no uso do "mito de referência", há "um abandono declarado de toda referência a um *centro,* a um *sujeito,* a uma *referência* privilegiada, a uma origem ou a uma arquia absoluta"[1]. O descentramento* é, pois, a abolição de um significado transcendental* que se constituía como centro do texto. Descentramento é a independência total da cadeia dos significantes.

Como exemplo de leitura desconstrutora, pode-se tomar a leitura do *Fedro,* de Platão, onde Derrida aponta o processo de centramento na fala (*phoné*), no *logos,* na presença*, com o conseqüente rebaixamento da escrita a um mero suplemento da fala. A leitura se faz num duplo gesto:

a — ler o texto no seu interior — o que ele diz — os seus filosofemas;

b — ler o texto de fora — o que ele dissimulou ou recalcou — suas metáforas.

A leitura desconstrutora implica, primeiro, delimitar o campo do fechamento* da metafísica ocidental e situar-se na

1. *ED,* p. 240.

"margem" dele, isto é, criar "conceitos" ou trabalhar com categorias que não se deixem compreender pelo regime anterior, ainda que, por estratégia* e economia*, seja usado o léxico da linguagem filosófica, mesmo porque, segundo Derrida, "não se pode operar uma mutação simples e instantânea ou mesmo riscar um nome do vocabulário. É necessário elaborar uma estratégia do trabalho textual que a cada instante tome emprestado uma velha palavra à filosofia, para, em seguida, retirar-lhe a marca" [2].

Derrida reconhece em Husserl, Freud, Lévi-Strauss, Heidegger e Saussure, entre outros, signos pertencentes ao campo da metafísica, apesar das tentativas de sair desse sistema. Para ele, de fato, são três os discursos teóricos que importam para se pensar o ato de descentramento, para solicitar esse campo:

a — a crítica nietzschiana da metafísica: crítica dos conceitos de ser e de verdade, substituídos pelos conceitos de jogo*, de interpretação* e de signo* (não comprometido com o fonocentrismo*);

b — a crítica freudiana da presença* a si, crítica da consciência, do sujeito e da identidade a si;

c — o questionamento heideggeriano da metafísica, da ontoteologia e da determinação do ser como presença* [3].

A leitura desconstrutora faz-se, pois, por um duplo gesto, dupla estratificação, ou duplo registro, que se referem a dois movimentos. De um lado, *renversement** do conceito tradicional; a necessidade desse primeiro movimento é marcar na filosofia clássica não uma coexistência pacífica mas uma violenta hierarquia*; mas se se permanece nesse movimento, continua-se a operar no interior do sistema desconstruído. Por outro lado, marca-se o afastamento (*écart*), situando-se no campo desconstruinte (*déconstruisant*), isto é, ora das oposições binárias da metafísica, evitando-se um movimento em busca da "síntese", que conduziria à simples neutralização dessas oposições.

2. *P*, p. 81.
3. Cf. "A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas", *ED*, pp. 232-234.

Operam-se, ao mesmo tempo, uma desconstrução por *renversement* e uma desconstrução por *deslocamento* positivo, por transgressão. Mas não se trata de um gesto semelhante ao do "virar a página da filosofia", ou ao de uma ruptura decisiva. As marcas se reinscrevem sempre num tecido antigo que é preciso continuar a desfazer sempre. Nesse sentido, desconstruir é também descoser.

DESVENDAMENTO (*DÉVOILEMENT*)

Termo que envolve a *decisão* analítica em relação ao tecido, ao texto. Esta decisão consiste em apreender o que, aparentemente, na ante-cena textual abriga um significado, mas que mantém no fundo da cena, outros. O desvendamento se dá em simultaneidade.

Não existe significado último, verdadeiro, oculto, que a elaboração analítica vai descobrir. A descoberta é a apreensão da coexistência mútua de várias direções significantes num mesmo conceito ou metáfora.

DIALÉTICO, método (*DIALECTIQUE, méthode*)

Método por excelência do filosofar socrático, a dialética é primitivamente a arte do diálogo e da discussão. Segundo Platão, a dialética permite suscitar na alma as reminiscências das Idéias, e é concebida como a arte de confrontar e de analisar os conceitos no curso de uma polêmica [1].

No diálogo do *Fedro* é o método que conduz ao conhecimento da verdade; a divisa socrática expressa pela palavra do oráculo de Delfos, "conhece-te a ti mesmo", é o campo de estudo da filosofia. O espaço da escritura* no diálogo platônico é caracterizado como não-filosófico, não interessado na verdade, sofista, por oposição ao *logos*, ao método dialético que busca a verdade [2].

---

1. Cf. Washington Vita, Luís, *Pequena História da Filosofia,* São Paulo, Edição Saraiva, 1968.
2. Cf. Platão, *Diálogos,* Rio de Janeiro, Clássicos de Ouro. Derrida, *La dissémination,* Paris, Seuil, 1972.

DIFFÉRANCE

Neo-*grafismo* produzido a partir da introdução da letra *a* na escrita da palavra *différence*. A *différance* não é "nem um conceito, nem uma palavra", funciona como "foco de cruzamento histórico e sistemático" reunindo em *feixe* diferentes linhas de significado ou de forças, podendo sempre aliciar outras, constituindo uma rede cuja tessitura será impossível interromper ou nela traçar uma margem*, pois o que se põe em questão é "a autoridade de um começo incontestável, de um ponto de partida absoluto, de uma responsabilidade de princípio" [1].

Esta "discreta intervenção gráfica" (*a* em lugar de *e*) será significativa no decorrer de um questionamento da tradição fonocêntrica*, dominante desde épocas anteriores a Platão até os estudos lingüísticos de Saussure; o *a* de *différance* propõe-se como uma "marca muda", se escreve ou se lê mas não se ouve. Este silêncio, funcionando unicamente no interior do sistema da escritura fonética, "vem assinalar de maneira muito oportuna... que não existe escritura puramente e rigorosamente fonética" [2].

A diferença gráfica, marcada na diferença entre o *e* e o *a,* escapa à ordem do sensível, fixando apenas uma relação invisível entre termos, traço de uma relação inaparente. Escapa também à inteligibilidade, pois não se oferece como *presença**, como objeto submetido à objetividade da razão, remetendo para uma ordem que não se deixa compreender na oposição fundadora da metafísica entre o *sensível* e o *inteligível.* "A ordem que resiste a esta oposição e resiste-lhe porque a traz em si, anuncia-se em um movimento de *différance* entre duas diferenças ou entre duas letras, *différance* que não pertence nem a voz nem a escrita em sentido corrente." [3]

---

1. "La différance", *TE,* pp. 44-45.
2. *Id.* p. 43.
3. *Id.* p. 43.

Os predicados de essência e de existência são recusados à *différance*, o que não implica, por outro lado, atribuir-lhe uma supra-essencialidade (como a que é reconhecida em Deus) além das categorias finitas da existência e da essência. A *différance* é irredutível a toda reapropriação ontológica ou teológica, pondo em questão o valor de presença (que Heidegger demonstrou ser a determinação ontoteológica do ser), ao considerar o privilégio concedido ao presente, ao *vouloir-dire** "não mais como a forma matriz absoluta do ser, mas como uma 'determinação' ou um efeito" [4]. A *différance* — desaparecimento da presença originária — "abrindo o espaço onde a ontoteologia — a filosofia — produz seu sistema e sua história, a compreende e excede irremediavelmente" [5].

Do ponto de vista econômico, a *différance* deveria compensar um desperdício de sentido da palavra *différence,* pois, sendo irredutivelmente polissêmica, pode remeter simultaneamente para toda a configuração de suas significações. Tem como etimologia o verbo latino *differre,* que encerra duas significações distintas. Diferir significa "recorrer consciente ou inconscientemente à mediação temporal e temporizadora de um desvio, suspendendo a realização ou o preenchimento do desejo ou da vontade, efetuando-o finalmente de uma forma que anula ou diminui o efeito" [6]. O outro sentido de diferir é o de não ser idêntico, ser outro, discernível. *Différance* remete ao mesmo tempo para o diferir como *temporização** e para o diferir como *espaçamento**.

No interior da problemática do signo e da escritura, a *différance* como temporização e a *différance* como espaçamento associam-se. A significação como *différance* de temporização é postulada pela estrutura classicamente determinada do signo. Esta pressupõe que o signo, "diferindo a presença, só é pensável *a partir* da presença que ele difere e *em vista* da presença que se busca re-apropriar" [7]. O caráter provisório e a secundariedade do signo* mostram que não se pode mais compreender a *différance* sob o conceito de signo, a *différance* como temporização-temporalização não podendo ser pensada

---

4. *Id.* p. 55.
5. *Id.* p. 44.
6. *Id.* p. 46.
7. *Id.* p. 48.

no horizonte do presente, como presença* originária que poderia ser re-apropriada.

A *différance* como espaçamento (movimento inseparável da temporização-temporalização) estabelece a possibilidade de conceitualização no interior do sistema lingüístico. O conceito significado nunca está presente de forma plena (o que concederia ao presente o poder de "síntese"), mas constitui-se a partir do traço nele dos outros elementos da cadeia ou do sistema, fazendo-se necessário que "um intervalo o separe daquilo que não é ele para que ele seja ele próprio" [8]. A *différance* seria, pois, o movimento de jogo* que produz as diferenças, os efeitos de diferença. A *différance* não é mais simplesmente um conceito, mas a possibilidade de conceitualidade, do processo e do sistema conceitual em geral. A *différance* nem uma palavra, nem um conceito, é o que faz com que "o movimento da significação só seja possível se cada elemento dito 'presente', aparecendo no cenário da presença, relacionar-se com algo que não seja ele próprio, guardando em si a marca do elemento passado e já se deixando escavar pela marca de sua relação com elemento futuro, o traço não se relacionando menos com aquilo que chamamos de futuro do que com aquilo que chamamos de passado, e constituindo aquilo que chamamos de presente, por esta relação com o que não é ele próprio: não é absolutamente ele, isto é, nem mesmo um passado ou um futuro como presentes modificados"[9].

Nenhuma margem podendo limitar o traçado da *différance,* esta se deixa submeter a uma série de substituições não-sinonímicas, de acordo com as linhas de força localizáveis no discurso a ser desconstruído. Algumas dessas substituições são: "arquiescritura"*, "espaçamento", "suplemento"*, "*pharmakon*"*, "hímen", "encetamento" (*entame*), etc.

8. *Id.* p. 51.
9. *Id.* p. 51.

DIFERENÇA (*DIFFÉRENCE*)

A palavra escrita é "diferença" na medida em que se oferece diferida (temporal e espacialmente) do que representa, reservada a uma decodificação contextual, inscrita numa cadeia de significantes. É a palavra que não se apresenta em "pureza", oferecendo sua "verdade" mas pelo desvio de um significante, que é estranho à sua própria realidade (*grammata*). Portanto, diferentemente da palavra falada, que é um discurso apresentado em presença*, a palavra escrita não é uma palavra viva mas em "diferença", marcando a oposição entre o *eidos* e seu outro. Por exemplo, *pharmakon**, na sua ambivalência, oposição de opostos, "é o movimento, o lugar e o jogo* (a produção) da diferença" [1]. A "diferença" é o significado gerado pela instância de articulação. O termo caracteriza a escritura* em oposição à *phoné* platônica, em cuja prática se dá a busca da verdade. A escritura, sendo um recurso de "ex-pressão", transporta, em sua cadeia espacial, um significado dado pelo "diferir"; é a diferença lingüística que transporta e substitui a verdade.

Inseparáveis do conceito de *diferença,* segundo afirma Derrida, são: traço (*Spur*), facilitação (*frayage, Bahnung*), forças de facilitação (*forces de frayage*), uma vez que não se pode descrever a origem da memória e do psiquismo como memória em geral (consciente ou inconsciente) senão tendo em conta a diferença entre as facilitações [2].

---

1. "La pharmacie de Platon", *D,* p. 146.
2. Cf. "La différance", *TE,* p. 57 e "Freud e a cena da escritura", *ED.* Para "facilitação", v. *Vocabulário da psicanálise,* de Laplanche e Pontalis, Lisboa, Martins Pontes, 1970.

DOBRA (*PLI*)

O texto, como tecido de traços, mascara outro texto, a princípio oculto: é a "tela que envolve a tela", mas que deixa esta última emergir quando se desfaz a dobra (ou a prega, ou a ruga). A dobra — disposição de fios encobrindo outra disposição que, à mostra, suplementa a primeira — é a ausência* que tece.

Tome-se, como exemplo, "La pharmacie de Platon". Derrida, aí, analisa o diálogo *Fedro,* diálogo que é tecido sob a aparência de um posicionar sobre o amor. Tal integralidade da superfície significante é, contudo, aparente. E o "desenho" relegado (as fábulas de Thot/Thamus e das cigarras) é, em realidade, o "desenho" que designa. Logo, o texto apresenta uma dobra, uma prega que encobre outro texto. Dobra é a presença ilusória, presença que sempre se impôs no pensamento ocidental. Ilusão porque nunca desfeita, porque nunca vista como dobra.

Por uma certa dobra que *nós desenhamos,* pela desconstrução* de uma dobra, o aparente discurso platônico sobre o amor se deixa ler como discurso de condenação da escritura*; a dobra que possibilita re-marcar o texto nega a prescrição de um pensar metafísico tradicionalizado e tradicionalizante.

ECONOMIA (*ÉCONOMIE*)

Noção que assinala: 1 — o gesto derridiano de conservar no seu discurso os termos do discurso que quer *desconstruir**, efetuando isso por uma generalização, um deslocamento de sentido; 2 — a função polissêmica* de todo *significante* (o que constitui sua *reserva* semântica), precisando, por isso, ser sustentado por um discurso ou num contexto interpretativo; 3 — o conjunto finito em cujo fechamento* (*clôture*) se dá o movimento do *jogo** relacional dos elementos; 4 — a compensação ao desperdício de significação, pela utilização no discurso desconstrutor de termos que permitem reenviar simultaneamente para toda a configuração de suas significações, por serem irredutivelmente polissêmicos.

Exemplos:

"Não tem sentido algum abandonar os conceitos da metafísica; não dispomos de nenhuma linguagem — de nenhuma sintaxe e de nenhum léxico — que seja estranha a essa história; não podemos enunciar nenhuma proposição destruidora que não se tenha já visto obrigada a escorregar para a forma, para a lógica e para as postulações implícitas daquilo mesmo que gostaria de contestar. Para dar um exemplo entre tantos outros: é com a ajuda do conceito de *signo** que se abala a metafísica da presença*."[1] "Mas a palavra *différence** (com um *e*) nunca pôde remeter nem para o diferir como temporização*, nem para o diferendo como *polemos*. É a este desperdício de sentido que deveria compensar — economicamente — a palavra *différance** (com um *a*). Esta pode remeter ao mesmo tempo para toda a configuração de suas significações, é imediata e irredutivelmente polissêmica e isso não será indiferente à economia* do discurso que tento manter."[2]

1. *ED*, p. 233.
2. *MPh*, p. 8.

ENIGMA (*ENIGME*)

O enigma é o produto de um compromisso entre forças inconscientes e conscientes (cf. Freud: processo primário e processo secundário). Nesse sentido, todo texto* — como escritura — configura a estrutura* de um enigma. Este (enquanto escritura*, enquanto texto) não se deixa apreender senão na cadeia de seus significantes, uma vez que seu sentido se dá sempre em deformação (condensação, deslocamento e sobredeterminação).

A censura castradora, o desejo do incesto e sua interdição são determinantes da estrutura lacunar e descontínua do enigma. A partir desses elementos, o enigma se mostra na sua "de-formação" figurativa.

O *sonho* constitui o enigma freudiano por excelência; incorporando em um mesmo texto conteúdo manifesto e conteúdo latente, apresenta-se como a formação de enigma sobre a qual Freud objetivará seu estudo.

A partir dos estudos iniciados por Freud, Derrida opera a interpretação* do enigma enquanto escritura. Desse modo, o estudo freudiano serve de ponto de partida para que Derrida elabore uma teoria própria. O enigma, em Derrida, distingue-se da configuração freudiana pois seu sentido é indecidível*, porquanto nunca se apresenta em sua plenitude, mas deixa marcas que podem ser preenchidas.

ENXERTO (*GREFFE*)

"Violência apoiada e discreta de uma incisão inaparente na espessura do texto*; inseminação calculada do alógeno em proliferação pela qual dois textos se transformam, se deformam um pelo outro, se contaminam no seu conteúdo, tendem todavia a se rejeitar, passam elipticamente um no outro e se regeneram na repetição de um ponto de luva (*surjet*)." [1]

A noção de enxerto vai estar ligada, em "La pharmacie de Platon", à de escritura* e agricultura (reunidas por Platão para melhor poder definir a ambigüidade da primeira). A operação de enxertar é tomada na gráfica do suplemento*: reconhecer num signo* escrito outros signos no momento de seu enxerto em uma cadeia diferente daquela em que ele estava anteriormente.

O signo escrito rompe com o contexto, isto é, com o conjunto das presenças* que organizam o momento de sua inscrição, e antecipa um sintagma escrito fora do encadeamento, de que ele foi tomado ou dado, sem risco de perda de sua possibilidade de funcionamento ou comunicação.

O presente de sua inscrição permanece como marca, traço. A "força de ruptura" com o contexto anterior atém-se ao espaçamento*, que permite ao signo escrito estar separado de outros elementos da cadeia interna e possibilita sua antecipação.

Para Derrida, numa acepção mais ampla, o ato de escrever quer dizer enxertar (*greffer*), gravar. O tecido verbal sendo apreendido por sua espessura, que se abre além de um todo, do nada, ou do absoluto fora. A profundidade textual é simultaneamente nula e infinita. Cada camada abrigando outra camada textual, que pode ser enxertada em diferentes momentos, graças a um movimento incessante de substituição de conteúdos.

---

1. *D,* p. 395.

ESCRITURA (*ÉCRITURE*)

Antes de ser uma derivação, imagem e representação espacial da temporização* da fala, a escritura — traço, *différance**, *grama* — não depende de nenhuma plenitude sensível, audível ou visível, fônica ou gráfica. Ela permite a articulação da fala e da escrita no sentido corrente.

O rebaixamento da escritura como traço, *différance, grama,* constitui a origem da Filosofia como *episteme*. O centramento na *phoné* (fala) — considerada como linguagem natural, "originária" e reveladora de uma consciência plena, expressão do *logos* como origem* da verdade — afirmou um conceito de escritura como técnica artificial, em oposição ao caráter "natural" da substância fônica e como mero instrumento de fixação, no espaço exterior, da fala cuja "essência" é interna. A oposição dentro/fora é tomada pela metafísica como matriz de uma cadeia de oposições que comanda os conceitos de fala e de escritura e que pressupõe a seguinte relação: *fala* — dentro/inteligível/essência/verdadeiro; *escritura* — fora/sensível/aparência/falso.

Derrida exemplifica essa cadeia de oposições temáticas que constitui o fundamento da filosofia, na leitura que faz do *Fedro* de Platão, onde se afirma que o conhecimento *filosófico* só pode efetuar-se através da *phoné* e da presença* viva do ser no presente de seu discurso. Jamais através da escritura (*pharmakon*), filho bastardo, não-presença e técnica de persuasão a serviço dos sofistas. Considerada por Sócrates como significante secundário e exterior, "significante de significante", a escritura é deslocada pela fala, "símbolo do estado de alma", que mantém com esta "uma relação de proximidade essencial e imediata".

O privilégio do significante fônico (escritura fonética) sobre o significante gráfico que percorre o discurso filosófico — Platão, Aristóteles, Rousseau, Hegel, etc. e que se assinala nos estudos científicos da Lingüística de Saussure — é solidário com toda conceitualidade metafísica e "em particular com a determinação naturalista, objetivista e derivada entre o

dentro e o *fora*". O conceito de signo*, na Lingüística, conserva também essas oposições binárias: significante/significado, expressão/conteúdo, sensível/inteligível.

Configurando a escritura, *grama, différance*, traço, como arrombamento (*effraction*), irrupção do fora no dentro, Derrida afirma a escritura não-fonética como possibilidade da língua: "o advento da escritura é o advento do jogo* na linguagem".

A impossibilidade de uma escritura puramente fonética se deve ao movimento passivo e ativo do espaçamento* entre signos, à pontuação, aos intervalos que produzem as diferenças* indispensáveis ao funcionamento dos grafemas (*gramas*), e implica uma arquiescritura* anterior a todas as oposições (significante/significado, sensível/inteligível, tempo/espaço, etc.), onde cada elemento da cadeia ou do sistema se constitui a partir do traço dos outros. A escritura é configurada numa cadeia de substituições: arquitraço, reserva, articulação, brisura (*brisure*), suplemento*, *différance*. Derrida tenta demonstrar que não existe signo lingüístico anterior à escritura. Nesse ponto, apóia-se em Freud, que fala do inconsciente como um hieróglifo, um rébus, como escritura não-fonética[1]. A exterioridade do significante em relação ao significado ou ao significante fônico é a condição da exterioridade da escritura.

1. Cf. "Freud e a cena da escritura", *ED*.

ESCRITURA ANAGRAMÁTICA
(*ÉCRITURE ANAGRAMMATIQUE*)

Termo que designa o anagrama, isto é, as relações que se tecem entre as diferentes funções de uma mesma palavra, quando esta se inscreve, num mesmo contexto, como a citação de um outro sentido.

O anagrama platônico ou a escritura anagramática transformou-se em perigoso instrumento nas línguas herdeiras e depositárias da metafísica ocidental. Por um efeito de análise, as traduções tinham de privilegiar apenas um dos pólos da palavra grega *pharmakon**.

A escolha de um destes pólos para o tradutor tem como objetivo neutralizar o "jogo citacional", o anagrama que existia na língua platônica. *Pharmakon* que, na ante-cena textual, é dado como remédio (cf. *Fedro*), comporta outras significações (veneno, pintura artificial, antídoto, filtro, cor, etc.) na cena propriamente dita.

A escritura* tomada como *pharmakon* se dá enquanto suplemento da fala: saber vivo se opondo a morto; parricida; afastado da presença; mnemotécnica, etc. As traduções deixaram-se enganar pelo próprio *vouloir-dire** platônico. Thot exibia o *pharmakon*-remédio, ou a escritura, para Tamus, que, por sua vez, invertia o valor de seu efeito (veneno).

A noção de tradução, segundo Derrida, deveria ser substituída pela de transformação: transformação regulada (*reglée*) de uma língua para outra, de um texto para outro. Nessa perspectiva, não se faria nunca relação a "transporte" de significados puros que o instrumento ou o "veículo" significante teria deixado virgem e intocado (*inentamé*) de uma língua para outra, ou no interior de uma mesma e única língua.

ESPAÇAMENTO (*ESPACEMENT*)

Conceito tomado de empréstimo a Mallarmé (Prefácio a *Un coup de dès*) e que designa a intervenção regulada do branco, marcando a suspensão e o retorno na cadê(nc)ia textual. É também o indicador de um fora e de uma alteridade irredutíveis, impossibilitando a uma identidade fechar-se sobre si própria, sobre sua coincidência consigo mesma[1].

O espaçamento é "a produção, ao mesmo tempo *passiva* e *ativa* [...] dos intervalos, sem os quais os termos "plenos" não significariam" [2]. Designa o espaço constituído entre termos, o período regular do branco no texto* (pausa, pontuação, intervalo em geral) que retorna e se re-marca infalivelmente na cadeia textual.

Comporta também uma significação ativa de "força produtiva, positiva, geradora" (espaçamento como *différance**). É o que faz com que cada elemento dito "presente", nunca esteja presente de forma suficiente, remetendo somente para si próprio. O espaçamento, interrompendo toda identidade consigo, faz com que um elemento só funcione e signifique a partir do *traço* nele dos outros elementos da cadeia, sendo necessário que um intervalo o separe daquilo que não é ele próprio para que ele possa ser ele próprio[3]. Como o traço é a relação de intimidade do presente com seu fora, a abertura à exterioridade em geral, ao não-próprio etc., a temporalização do sentido é desde o começo "espaçamento" (o tornar-se espaço do tempo). Ao admitir-se o espaçamento simultaneamente como "intervalo" e como abertura para o "fora", não há mais interioridade absoluta. O "fora" insinuou-se no movimento pelo qual o "dentro" do não-espaço, que se chama "tempo", manifesta-se, constitui-se, "faz-se presente". O espaço está "dentro" do tempo, é a pura saída para fora de si do tempo, é o

1. Cf. *P*, pp. 107-109.
2. *P*, pp. 38-39.
3. Cf. "La différance", *TE*, pp. 49-51.

"fora de si" como relação a si do tempo. A exterioridade do espaço não surpreende o tempo; aquela abre-se como puro "fora" "dentro" do movimento da temporalização[4] (tornar-se tempo do espaço).

O espaçamento como indicador de um "fora" marca, em relação ao "sujeito da escritura", a impossibilidade de estar presente a si, pois o traço não se deixa resumir na simplicidade de um presente. O espaçamento marca o tornar-se ausente e o tornar-se inconsciente do sujeito.

---

4. *VPh,* p. 96.

ESTRATÉGIA (*STRATÉGIE*)

A estratégia em Derrida estaria fundada naquilo que ele próprio chamou de "um duplo gesto", "dupla ciência", "duplo registro": operação de caráter econômico que consiste em, por um lado, tomar os termos da metafísica ocidental, para, por outro, poder excedê-la. O primeiro trabalho não deve nunca ser inutilizado pelo segundo. Permitir esse trabalho destrutor seria "filosofar mal", ato de simplesmente "virar a página da filosofia".

Em *A escritura e a diferença,* a propósito do discurso das ciências humanas lê-se: "Trata-se de colocar expressa e sistematicamente o problema do estatuto de um discurso que vai buscar a uma herança os recursos necessários para a des-construção* dessa mesma herança. Problema de *economia** e de *estratégia*" [1]. No mesmo ensaio, a propósito da estratégia em Lévi-Strauss, verifica-se que este "permanecerá sempre fiel a esta dupla intenção: conservar como instrumento aquilo cujo valor de verdade ele critica [...] e esse valor metodológico não é afetado pelo não-valor ontológico" [2].

Em "La pharmacie de Platon", além de conservar o duplo gesto apontado acima, Derrida aponta *dois* procedimentos estratégicos do próprio Platão: imitar os imitadores para restaurar a verdade daquilo que eles imitam (a verdade do *logos*, a eidética); o gesto do *khairein* platônico, momento em que Sócrates constrói dois mitos originais que figuram no *Fedro* para poder falar do rebaixamento da escritura*.

Estratégico é, pois, todo o comportamento do discurso de Derrida em seu movimento de solicitação* da metafísica ocidental.

---

1. *ED,* p. 235.
2. *ED,* p. 238.

ESTRUTURA, estruturalidade da
(*STRUCTURE, structuralité de la*)

Derrida mostra como o conceito de estrutura sempre esteve ligado à *episteme* ocidental, quer científica, quer filosófica, e como vinha sendo o trabalho antes de um "acontecimento" ocorrido na história deste conceito. Esse "acontecimento" se dá no momento em que se põe em questão a estruturalidade da estrutura. Esse perceber a estrutura em sua dinâmica questiona o conceito de estrutura centrada com que operava o discurso metafísico. A posição clássica face à estrutura coloca o centro como matriz cuja função é organizar e orientar a estrutura.

Funcionando como ponto de comando, o próprio centro escapa à estruturalidade da estrutura. Está dentro da estrutura, mas fora de sua ação. O trabalho com o conceito de estrutura centrada limita e neutraliza sua dinâmica, impedindo o jogo* da estrutura. Faz dele um jogo marcado, onde se joga com "imobilidade e certeza tranqüilizadora". Levar em conta a estruturalidade da estrutura, ao contrário, é propor o descentramento* da estrutura, é percebê-la em sua ação lúdica que não permite um significado transcendental*. Assim, a estrutura, com seus elementos articulados em um não-lugar, possibilita pensar a problemática da polissemia* e da interpretação*.

ETNOCENTRISMO (*ETHNOCENTRISME*)

Centramento numa determinada cultura que se toma como cultura de referência. Do ponto de vista etnocêntrico, o etnólogo lê as outras culturas de acordo com os pressupostos da sua.

A Etnologia clássica via a civilização ocidental — cultura européia — como a forma mais avançada das sociedades humanas e, por esse motivo, a tomava como cultura de referência, considerando as outras civilizações como primitivas.

Com uma nova aquisição teórica e prática no campo das ciências humanas, verifica-se que os povos primitivos só puderam ser assim considerados a partir de pressupostos etnocêntricos.

O etnocentrismo se constitui, portanto, como um dos elementos estruturantes do pensamento ocidental, que comanda uma cadeia de centramentos — logocentrismo*, fonocentrismo* — e que é denunciado pela desconstrução* e pelo descentramento*.

FARMÁCIA (*PHARMACIE*)

Termo genérico usado por Derrida, que abrange as operações dos elementos da cadeia ou série textual, no caso, o sistema platônico. *Pharmakeia**, *pharmakon**, *pharmakeus**, *pharmakos** se constituem como reserva, suplemento*, dessa farmácia. Ela própria, reserva sem fundo.

A farmácia platônica constitui para Derrida o meio (*milieu**), o lugar onde se desenvolvem todas as operações textuais. É característica dessa farmácia se apresentar na sombra, no momento anterior a toda diferenciação: condição indispensável para que se abriguem nela os elementos e/ou significantes desse tecido, simultaneamente velado e desvelado (*dévoilé*), o texto.

Pharmakeia, pharmakon, pharmakeus, pharmakos pertencem todos à mesma família lingüística, e se reenviam (*renvoient*) mutuamente uns aos outros por seus traços, na direção sem lugar fixo da farmácia.

A farmácia é a reserva sem fundo onde a dialética vai extrair seus filosofemas, que não se apreendem mais pelas oposições (alma/corpo, bem/mal, dentro/fora, memória/esquecimento, fala/escritura, etc.) e sim se estabelecem pelo jogo* e movimento. Movimento e jogo que os relacionam uns aos outros, os invertem e os fazem passar uns nos outros. A farmácia é o lugar onde se opõem os opostos. Como lugar da *différance**. Como lugar do indecidível* (*indécidable*).

A propriedade da farmácia é sua impropriedade, sua indeterminação flutuante que permite a substituição e o jogo de seus elementos, dentro da gráfica do suplemento*. A farmácia reúne a droga, o veneno e/ou remédio, indiferenciadamente. Abriga a vida e a morte. Consciência e inconsciência. Voluntário e involuntário.

"A farmácia é um teatro. Há um jogo de forças, há um espaço, a lei, o parentesco, o humano e o divino, o jogo, a morte, a festa." [1]

---

1. "La pharmacie de Platon", *D*, p. 164.

FECHAMENTO (*CLÔTURE*)

Fechamento da metafísica é o limite de esgotamento, de não-pertinência dos filosofemas que dominaram essa mesma filosofia.

"Novos" conceitos de ciência e de escritura têm se espalhado pelo mundo por meio de esforços decisivos, mas discretos e dispersos. Esses conceitos, com maior ou menor grau de afastamento em relação aos conceitos clássicos, se encontram todos dentro do mesmo limite na medida em que estão ainda *determinados* pela "época histórico-metafísica cujo fechamento nos limitamos a entrever" [1].

Essa época se afigura como uma totalidade histórica, e podemos então ler todos os seus textos como um só texto, o que significa ler uma relação de determinação entre os conceitos mais modernos e ditos científicos e aqueles da filosofia clássica, ou seja, reconhecer em todos os textos os mesmos privilégios que orientaram *todo* o pensamento tradicional: do *logos,* da *phoné* e da presença*. Por exemplo, na lingüística e na semiologia de tipo saussuriano, Derrida reconhece signos que pertencem ao sistema metafísico, ainda que tais "ciências" tentem romper com este sistema, pois só o fato de poder desenhar o fechamento de uma época não significa sair dela. São, entretanto, os mesmos textos que se deixam limitar no campo que pretenderiam desconstruir, que, ao mesmo tempo, marcam esses novos "conceitos" de escritura e de ciência e que permitem ler os clássicos como *inadequados* e, conseqüentemente, ler essa época como uma "época" passada.

Mas por que *hoje* é que se sente essa inadequação? Segundo Derrida, "esta inadequação já se pusera em movimento desde sempre" [2]. O fato de se poder delimitar este campo e desenhar seu fechamento não é deliberação de um *sujeito,* visto que o conceito de espaçamento* como escritura vem

---
1. *G,* pp. 5-6.
2. *G,* pp. 4-5.

marcar o "tornar-se ausente do sujeito", anulando a presença a si *na* consciência. O encetamento (*entame*) da desconstrução* não se esgota pelo cálculo consciente de um sujeito. Só se pode encetar (*entamer*) a desconstrução a partir de forças localizáveis no discurso a desconstruir. Portanto, o próprio texto denuncia seus limites. A pergunta seria: se esta situação anunciou-se desde sempre, por que está a ponto de se fazer reconhecer como tal e *a posteriori*?

O que se verifica hoje é que o conceito de ciência ou de cientificidade da ciência, que sempre foi um conceito filosófico, na prática nunca deixou "de contestar o imperialismo do *logos*, por exemplo, ao fazer apelo, desde sempre e cada vez mais, à escritura não-fonética" [3]. E é necessário perseguir e consolidar o que, na prática científica, sempre já começou a exceder o fechamento logocêntrico*.

Permite-se entrever o fechamento dessa época, constatando que a ciência não se satisfaz com seus avanços, que a inflação do signo "linguagem", assim como a morte do livro, ou a morte da fala, são sintomas de uma crise, que tudo aquilo que se reuniu sob o nome de linguagem começa a se resumir sob o nome de escritura*. Há um *transbordamento* do signo escritura ao mesmo tempo que um *apagamento* dos limites do conceito de linguagem.

Esse *transbordamento,* esse excesso é o que marca a passagem para um além do fechamento de um sistema. Mas não se pode simplesmente rejeitar os conceitos desse sistema (a noção de *signo**, por exemplo) mesmo porque eles são necessários e nada é pensável sem eles, e também porque "eles nos são indispensáveis hoje para abalar a herança de que fazem parte". Ao se desenhar o fechamento, "é preciso cercar os conceitos críticos por um discurso prudente e minucioso, marcar as condições, o meio e os limites da eficácia de tais conceitos, designar rigorosamente a sua pertencença à máquina que eles permitem desconstruir"[4].

Os movimentos da pertencença ou da não-pertencença à época logocêntrica são por demais sutis, porque "os movimentos de desconstrução não solicitam* as estruturas de fora. Somente são possíveis e eficazes [...], se as habitam *de uma*

3. *G,* p. 4.
4. *G,* p. 17.

certa maneira, pois sempre se habita, e principalmente quando nem se suspeita disso" [5].

O fechamento não tem a forma de uma linha. "O fechamento da metafísica não é sobretudo um círculo envolvendo um campo homogêneo, homogêneo a si no seu dentro, e cujo fora o seria também. O limite tem a forma de falhas [*failles*] [6] sempre diferentes, de divisões de que todos os textos filosóficos trazem a marca ou a cicatriz." [7]

5. *G*, p. 30.
6. *Faille* é falha, fenda e também tecido de seda de cordãozinho. Parece-nos que Derrida faz apelo aos dois sentidos.
7. *P*, p. 77.

FONOCENTRISMO (*PHONOCENTRISME*)

Prioridade da voz e da fala, da voz presente a si, (pré)-conceito da metafísica ocidental, onde a *phoné* — fala — é inseparável da instância do *logos,* onde a fala se confunde com o ser como presença*.

Na leitura desconstrutora* da metafísica, Derrida chama de fonocentrismo ao sistema do "ouvir-se-falar" — *s'entendre-parler* — privilegiado por todo discurso filosófico posterior a Sócrates e ao método dialético*, em que a *phoné* — substância fônica — se dá como não-contingente. Ao lado do etnocentrismo* e do logocentrismo*, é um dos elementos estruturantes do pensamento ocidental que se denuncia na gramatologia*.

O fonocentrismo é um (pré)-conceito ingênuo da metafísica, que identifica a fala com o ser-presente e a consciência pretendendo uma relação essencial e imediata com a alma. A idéia de verdade configura-se através do apagamento do significante na fala. No *Fedro,* a *phoné* está sempre associada ao *logos,* ao dentro, à *mnemè* (memória ativa, viva, interior), e encontra-se a serviço do conhecimento filosófico, opondo-se à escritura, considerada apenas uma técnica auxiliar e acessória da linguagem falada, uma intérprete duplicadora da fala "originária".

A fala é também o sério — *spoudé* — que se opõe à escritura como jogo — *paidia.* Subjacente a toda metafísica ocidental, o privilégio da *phoné* e o conseqüente rebaixamento da escritura reproduziram "uma idéia de mundo" a partir de um sistema de oposições cujo pólo valorizado vem sempre comandado pela unidade *logos-phoné,* a que se associam o dentro, o inteligível, a palavra, a essência, a verdade e a presença.

O predomínio do significante fônico sobre o significante gráfico encontra-se não apenas no discurso filosófico, cujo gesto inaugural é marcado pelo *Fedro* de Platão, mas também na ciência da linguagem, através da escritura fonética "cujo princípio funcional é respeitar e proteger a integridade do sistema

interno da língua"[1]. A Lingüística de Saussure, ainda que se estabeleça como ciência renovadora dos estudos lingüísticos, permanece comprometida com a metafísica fonocêntrica por afirmar a distinção fala/escrita e por estabelecer condição de secundariedade à escrita. "Língua e escrita são dois sistemas distintos de signos; a única razão de ser do segundo é representar o primeiro." [2] Afirmando que a função da escrita é estrita e derivada (representativa), Saussure reafirma o centramento na *phoné,* quando configura o objeto de estudo da Lingüística — a palavra falada. "O objeto lingüístico não se define pela combinação da palavra escrita e da palavra falada; esta última por si só constitui tal objeto." [3]

1. *G,* p. 41.
2. *Curso de lingüística geral,* p. 34, cit. na *G,* p. 37.
3. *Curso de lingüística geral,* p. 34, cit. na *G,* p. 37.

GRAMATOLOGIA (*GRAMMATOLOGIE*)

Gramatologia: ciência do "arbitrário" do signo*, da imotivação do traço, da escritura* anterior à fala e na fala. Ciência do arquitraço, apresenta-se como um pensamento explicativo do mito das origens. Abrange o mais vasto campo das ciências humanas, em cujo interior a lingüística passa a ser um departamento.

A gramatologia se orienta de início como crítica dos pressupostos lingüísticos ou semiológicos que orientam o pensamento estruturalista. Questiona as teorias que tomam de empréstimo a metodologia da lingüística e também o próprio conceito de ciência e de cientificidade.

A lingüística se instituiu como ciência da linguagem, baseada no pressuposto metafísico quanto às relações entre a fala e a escritura (privilégio da primeira e rebaixamento da segunda), e a cientificidade dessa ciência é reconhecida devido a seu caráter fonológico; a unidade imediata e privilegiada que fundamenta a significação é a unidade articulada do som e do sentido na *fonia*. A escritura, a letra, a inscrição sensível sempre foram consideradas como o corpo e a matéria exteriores ao espírito, ao *logos*. As oposições interior/exterior, inteligível/sensível, remetem para a oposição privilegiada da lingüística: natural/artificial (*physis/nomos*). Na lingüística saussuriana, a relação entre o significante fônico e o significado é uma relação natural, enquanto entre o significante gráfico e o significado é uma relação artificial.

Saussure vai falar de uma *usurpação* da escritura à fala: — "A *imagem gráfica acaba por se impor à custa do som* [...] e inverte-se a relação natural"[1].

— "A *palavra escrita se mistura tão intimamente com a* palavra falada de que é a imagem que acaba por usurpar-lhe o papel principal."[2] Derrida questiona o fato de não se to-

1. Saussure, F., *Curso de lingüística geral*, cit. na *G*, p. 44.
2. Saussure, F., *Curso de lingüística geral*, cit. na *G*, p. 44.

mar como fenômeno "natural" esta dependência da fala à escritura. Por que se trata de uma inversão, de uma usurpação? Como essa "usurpação", essa "armadilha" foram possíveis? Já em Saussure há uma suspeição de que a escritura enquanto "imagem", "figuração", é uma "representação" nada inocente. A desconstrução* desse centramento no *logos*, na *presença*, não consiste "em inocentar a escritura. Antes, em mostrar por que a violência da escritura não *sobrevém* a uma linguagem inocente. Há uma violência originária da escritura porque a linguagem é primeiramente [...], escrita" [3].

Uma outra afirmação é questionada: por que a lingüística que se diz *geral* exclui do seu campo, como exterioridade, um sistema "particular" da escritura? "Uma lingüística não é *geral* enquanto definir seu fora e seu dentro, a partir de modelos lingüísticos *determinados* [...]. A escritura em geral não é 'imagem' ou 'figuração' da língua em geral, a não ser que se reconsiderem a natureza, a lógica e o funcionamento da imagem do sistema de que se quereria excluí-la." [4]

Há um sistema total, aberto a todas as cargas de sentido possíveis, em que o significante "gráfico" remete ao fonema através de uma rede de várias dimensões que o liga, como todo significante, a outros significantes escritos e orais.

A "época" logocêntrica* sempre "suspendeu" (cf. *relever*), reprimiu toda reflexão livre sobre a origem* e o estatuto da escritura e da ciência da escritura que não fosse técnica apoiada numa metafórica de escritura natural. Saussure, ao marcar o campo do objeto da lingüística, excluindo a escritura, liberou a pesquisa de uma gramatologia geral: a escritura como origem da linguagem.

Partindo desse sistema total, pensa-se a escritura como ao mesmo tempo mais exterior à fala (sem ser sua "imagem" ou seu "símbolo") e mais interior à fala. Antes de ser ou não ser "representado" ou "figurado" numa "grafia", o signo implica uma escritura originária (arquiescritura*).

No trabalho de repressão histórica, a escritura era destinada a significar o mais temível da diferença*. Era o que mais de perto ameaçava o desejo da fala viva. E a diferença não é pensada sem o traço. Essa escritura originária (arquiescritura,

3. *G*, p. 45.
4. *G*, p. 45.

movimento da *différance*, arquitraço, arqui-síntese irredutível) "não poderá ser reconhecida como *objeto* de uma ciência porque ela é aquilo mesmo que não se pode reduzir à forma de *presença**" [5] que sempre comandou a objetividade do objeto.

O conceito de arquitraço é inadmissível na lógica da identidade. O traço não é somente a desaparição da origem, mas *quer dizer que a origem jamais foi retroconstituída a não ser* por uma não-origem, o traço, assim como a origem da origem.

Gramatologia: ciência do *grama*, elemento irredutível da cadeia dos indecidíveis* que "não é nem um significante nem um significado, nem um signo nem uma coisa, nem uma presença nem uma ausência" [6].

A gramatologia vem se constituindo há muito tempo e lentamente, sobretudo pelos discursos nietzschiano e freudiano. Mas Derrida considera que, "por mais necessária e fecunda que seja esta empresa, [...] uma tal ciência da escritura corre o risco de nunca vir à luz como tal e sob esse nome. De não poder escrever o discurso do seu método nem descrever os limites do seu campo. Por razões essenciais: a unidade de tudo que se deixa visar hoje, através dos mais diversos *conceitos de ciência e da escritura, está determinada em* princípio, com maior ou menor segredo, mas sempre, por uma época histórico-metafísica cujo fechamento* nos limitamos a entrever"[7].

5. *G*, p. 69.
6. *P*, p. 59.
7. *G*, pp. 5-6.

HIERARQUIA (*HIÉRARCHIE*)

A hierarquia se exerce em um sistema de poder, do qual é condição e decorrência. Este sistema impõe uma maneira de pensar presa à lógica da identidade (v. "lógica do complemento"), tendo a sua palavra centrada numa relação de valores.

Esta relação, no pensamento clássico-filosófico, se acha, de certa forma, presa a pré-conceitos (*archè, telos*), ligados à filosofia da presença*.

A existência de um processo de hierarquização deu às coisas valores gradativos. Aquilo que era tomado como desimportante ficou muito tempo recalcado sob a prepotência de seu diferente mais forte. Subvertendo a ordem do discurso da metafísica ocidental, Derrida, na tentativa de desconstrução* e descentramento* deste discurso, vai tentar anular os sistemas hierárquicos, denunciando as oposições que constituíram o pensamento clássico.

O parricídio, tal como é visto por Derrida, é um dos recursos estratégicos para desconstruir a hierarquia platônica que assegurava à posição paterna (v. "pai") a origem* e o poder da palavra. A escritura, subtraindo-se à eficácia do *logos* paterno, subverte esse centramento, deslocando-o em direção à lógica do suplemento*, ampliando, desta forma, a possibilidade do jogo*, ao repudiar a existência de um significado transcendental*.

HISTÓRIA (*HISTOIRE*)

O conceito metafísico de história, tomado como "história do sentido produzindo-se, desenvolvendo-se, realizando-se linearmente" [1], encontra-se relacionado a todo um sistema de implicações escatológicas, teleológicas e a um determinado conceito de continuidade e de verdade pertencentes ao sistema filosófico que se busca desconstruir. Ao operar com esses conceitos de que desconfia, Derrida procede por "comodidade estratégica", para incitar a desconstrução* do sistema filosófico ocidental em que eles são produzidos. A partir da produção de "conceitos" (como o de *indecidível**) que não se deixam compreender no interior de uma história que comporta em si o motivo da repressão final da diferença*, faz-se necessária a produção de um novo conceito de história "monumental, estratificada, contraditória" (subscrevendo Sollers); história que compreende uma "nova lógica da repetição* e do traço" [2].

1. *P*, p. 77.
2. *P*, p. 78.

INDECIDÍVEL (*INDÉCIDABLE*)

Elemento ambivalente sem natureza própria, que não se deixa compreender nas oposições clássicas binárias; elemento irredutível a qualquer forma de operação lógica ou dialética. O discurso da filosofia ocidental (platonismo e antiplatonismo) repousa sobre o princípio da discernibilidade, isto é, a possibilidade de distinguir o falso do verdadeiro. Este discurso (da ontologia) tem no "ente presente" a forma matricial da substância, da realidade, que distingue da aparência, da imagem, do fenômeno. O recurso à verdade daquilo que *é* sempre permite *decidir* sobre ela[1].

A ausência de significado transcendental*, postulada a partir de determinada aquisição teórica e de uma operação de desconstrução* filosófica[2], vem assinalar que o "ente presente", o referente, não se dá como percepção ou intuição. Com a ausência do referente permanece a referência, inscreve-se uma marca (pura e impura) "sem pólos decidíveis, sem termos independentes e irreversíveis" [3], ficção sem imaginário, mímica sem imitação, aparência sem realidade dissimulada (logo: falsa aparência), traços que nenhum presente teria precedido ou sucedido[4]. Esta marca (pura e impura), "com todas as indiferenças que ordena *entre* todas as séries de contrários, [...] produz um efeito de *milieu** (*meio* como elemento que contém os dois termos ao mesmo tempo, *meio* mantendo-se entre dois termos)" [5]. A esta marca, Derrida chamou, por analogia, *indecidível*, isto é, "unidades de simulacro, falsas propriedades verbais, nominais ou semânticas que não se deixam compreender na oposição filosófica (binária) e que, no entanto, habi-

1. Cf. *D*, p. 217.
2. Cf. "A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas".
3. *D*, p. 238.
4. Cf. *D*, pp. 238-239.
5. *D*, p. 240.

tam-na, resistem-lhe e a desorganizam, sem jamais constituir um terceiro termo, sem jamais dar lugar a uma solução na forma da dialética especulativa (o *pharmakon** não é nem o remédio, nem o veneno; o *suplemento** não é nem um mais nem um menos; o *hímen* não é nem a confusão nem a distinção; o *espaçamento** não é nem o espaço nem o tempo; o *encetamento* (*entame*) não é nem a integridade de um começo, de um corte simples, nem a simples secundariedade. Nem/nem sendo ao mesmo tempo ou bem isso, ou bem aquilo"[6].

6. *P*, p. 58.

INTERPRETAÇÃO (*INTERPRÉTATION*)

A interpretação, para Derrida, consiste em "tecer um tecido com os fios extraídos de outros tecidos-textos". É assim que em "La pharmacie de Platon", Derrida trabalha o texto platônico. A interpretação é um tipo de leitura que supletiva um texto*, no momento em que, penetrando no seu corpo, desconstrói-o e revela aquilo que estava recalcado.

A filosofia da presença* é posta em questão na crítica nietzschiana da metafísica. O conceito de *jogo** propõe o aleatório, abalando o centro (origem e fim). Sem centro, o texto é uma estrutura que deve ser pensada na sua estruturalidade*, e essa natureza dinâmica é que possibilitará a polissemia*.

Se o texto se apresenta como enigma, o desfazer da sua trama, isto é, a interpretação, se constituirá de movimentos de leitura sucessivos, e o deciframento do texto se efetivará por um sistema interpretativo próprio.

INTERTEXTUALIDADE (*INTERTEXTUALITÉ*)

Sistema constituído a partir das operações entre os elementos ou significantes de uma cadeia, que se remetem (*renvoient*) simultaneamente uns aos outros. A reconstrução do campo textual será delimitada a partir dessas operações, ou da remissão sem fim dos traços aos traços, isto é, dos significantes aos significantes.

Falar de intertextualidade ou sistema textual, para Derrida, implica uma metáfora: a descoberta das malhas ou fios do texto que podem ser apreendidos por seus traços em diversos momentos de análise. O próprio desse tecido, que é o texto*, é regenerar-se, refazer-se, após cada recorte, isto é, cada nova análise. Nesse movimento de regeneração orgânica, toda tessitura tende a se reorganizar e o entrelaçamento (*sumploké*) de seus fios a se ocultar cada vez mais.

Perceber o desenho (*dessin*) do texto significa uma certa determinação de leitura, somente conseguida pelo analista após o desvendamento* (*dévoilement*), ou o descoser (*découdre*) da tessitura, e o vencimento de sua resistência natural: o entrelaçamento de seus fios.

Cada significante da série poderá ser tomado por significante determinado, ou mesmo significante somente momentaneamente, por uma estratégia interpretativa. Na realidade, nenhum privilégio existe. O próprio do texto, da tessitura, é apresentar-se como uma dupla cena (*double séance*): cada elemento antecipando sua significação por um jogo sistemático de diferenças.

A textualidade, segundo Derrida, sendo constituída de "diferenças e de diferenças de diferenças, é por natureza absolutamente heterogênea e compõe sem cessar com as forças que tendem a anulá-la" [1].

---

1. *D*, p. 111.

JOGO (*JEU*)

O conceito de jogo aparece como a possibilidade de destruição de um significado transcendental*.

Para Derrida, na progressiva reflexão do nosso tempo sobre a palavra, o "conceito" de escritura começa a sobrepor-se ao conceito de linguagem. Torna-se agora necessário considerar a existência de uma escritura primeira, não de uma escritura que preceda historicamente à palavra, mas de uma arquiescritura*, que logicamente anteceda à linguagem falada e à escrita vulgar. O conceito de arquiescritura serve para destruir a herança ontoteológica e logocêntrica* da metafísica ocidental, negando radicalmente a presença de um significado transcendental como origem* absoluta do sentido. A história da estrutura* clássica é marcada pela existência sucessiva de centros.

O estruturalismo vai contestar a existência desse centro que, como tal, escapa ao jogo combinatório que define a estrutura.

Derrida escreve que "se a totalização não tem sentido, não é porque a infinitude de um campo não pode ser abrangida por um olhar ou um discurso finitos, mas porque a natureza do campo, isto é, a linguagem, e uma linguagem finita, exclui a totalização: este campo é o de um jogo*, isto é, o de substituições infinitas no fechamento de um conjunto finito" [1].

O jogo é sempre jogo de ausência* e de presença*, mas se o quisermos pensar radicalmente, é preciso pensá-lo antes da alternativa da presença e da ausência, é preciso pensar o "ser" como presença ou ausência a partir da possibilidade de jogo, e não inversamente.

1. *ED*, p. 244.

LEITURA (*LECTURE*)

Dentro da lógica do complemento*, constitutiva da metafísica ocidental, o texto* aparece como uma mensagem cifrada, um enigma cujo significado se "descobre" na leitura; significado esse que é um já-dado, presente ao texto mas oculto à primeira vista.

Na gráfica do suplemento*, o texto é já um *todo* ao qual a leitura acrescenta algo. A partir do parricídio, da morte do autor enquanto pai*, enquanto "dono da palavra do texto", a leitura, na intertextualidade*, constrói o "desenho" do texto. Sendo o sistema textual um todo inesgotável, refaz-se após cada leitura e deixa sempre uma margem* na qual outra leitura se inscreverá.

A leitura é um outro, e não outra face do idêntico, mas é nesse outro que se dá o significado do texto; portanto, ele não é um procedimento distinto da escritura*, mas é nela que esta se consuma.

LEITURA ANAGRAMÁTICA
(*LECTURE ANAGRAMMATIQUE*)

Leitura que permite distinguir "diferentes funções da mesma palavra em diferentes lugares"[1]. A leitura anagramática, como exposta por J. Derrida, é primordialmente a leitura da escritura anagramática* de Platão. Ou seja, da inscrição de uma palavra em sua citação de "ante-cena" textual, recalcando um significado diferente da mesma palavra que permanece exposto em outro lugar, "numa outra profundidade da cena". A escritura anagramática, praticada por Platão, permite o recurso a uma palavra ambígua a que um jogo textual possibilita a anulação de um dos seus significados, pondo em evidência o outro. É um jogo citacional que, quando não neutralizado, aglutina duas forças significativas e diferentes. A expressão é usada referendando principalmente o uso, em Platão, do termo grego *pharmakon**, na dupla significação de remédio e/ou veneno, para metafórica e anagramaticamente representar a escritura no mito socrático da invenção da escrita.

1. "La pharmacie de Platon", *D*, p. 111.

LOGOCENTRISMO (*LOGOCENTRISME*)

Centramento da metafísica ocidental no significado, que tem o privilégio da proximidade com o *logos*, com a determinação metafísica da verdade — *eidos* —, com o ente como presença* — *ousia*.

Um dos elementos básicos sobre o qual se construiu o pensamento ocidental. A metafísica atribui ao *logos* a origem da verdade do ser, inseparável da *phoné* — substância fônica, — que se confunde com o ser como presença. Como o fonocentrismo*, é um (pré) conceito que se instala com o platonismo.

No pensamento socrático, a autognose — *sophrosunè* —, a busca da verdade e do conhecimento de si, o estabelecimento da ontologia são feitos deixando de lado, e desprezando, o conhecimento mítico ou sofístico. O conhecimento filosófico se efetua através do método dialético* que supõe o ser presente à sua fala — *phoné* —, a fim de se "submeter à pesquisa mútua e de procurar se conhecer pelo desvio e a linguagem do outro" [1]. Portanto, através de uma relação dialética eu/outro, ambos em presença.

A metafísica logocêntrica, que é também a metafísica da escritura fonética, se estabelece a partir de um sistema de oposições comandado por uma escala de valores que promove o rebaixamento da escritura, por considerá-la mera técnica a serviço da *phoné*, na dependência da qual se encontra o *logos*. Uma boa escritura — interior, natural, viva, inteligível, que guarda proximidade com a essência do ser — se opõe a uma má escritura — externa, artificial, morta, sensível, distanciada da verdade e da essência do ser. É esse sistema de oposições que se encontra tematizado em Platão e que percorre todo o discurso filosófico que se denuncia na leitura desconstrutora*.

---

1. "La pharmacie de Platon", *D*, p. 138.

MARGEM (*MARGE*)

O transbordamento de um limite; o lugar do suplemento*. A margem opõe-se à marca: "[...] vocês encontrarão (marca) e perderão (margem), o limite entre a polissemia e a disseminação" [1].

"Não há uma margem branca, virgem, vazia, mas um outro texto, um tecido de diferenças de forças sem nenhum centro de referência presente [...], o texto *escrito* da filosofia transborda e faz crepitar seu sentido." [2]

A margem não é um *além*, o que prescreveria o limite. Não é, por conseguinte, um "fora" (*dehors*) em oposição a um dentro (*dedans*). O limite é violentado, rasura-se, perde-se; o *próprio* e o *outro* jogam; a perda é o encontro. E o primeiro texto é desvelado (ao menos, em parte), permite-se ser contrariado em sua opacidade inicial. O fora e o dentro se reescrevem e não se separam. A margem e o "marginalizado", o "disseminado", o "suplemento" e a possibilidade de ser da escritura (re)compõem o texto; mais do que exteriores a ele, são o "interior do interior", razão de ser da estrutura que se deixa ler dentro (e) fora da superfície significante.

---

1. *P*, p. 120.
2. "Tympan", XIX, *MPh*.

ORIGEM (*ORIGINE*)

Pensada na e pela metafísica ocidental e estruturada dentro do conceito de tempo e espaço de modo geral e principalmente em sua forma tradicional (lógica da identidade), a origem pressupõe um centro interno ou externo, habitado pela verdade, que se manifestaria por meio de cópias, simulacros, como simples deslocamentos de metáforas[1].

A problemática freudiana, conduzindo a um significado que se dá em posterioridade*, abala o conceito de tempo e, conseqüentemente, de origem, e permite a Derrida pensar a desconstrução* da metafísica ocidental a partir da própria impossibilidade de se atingir a origem.

Derrida, ao solicitar* o conceito de "origem", torna possível pensar a escritura* sem referente, pensar a *différance** nas diferenças. Dessa forma, não trabalha com o núcleo original, mas com o que chama de "secundariedade originária", onde se inscrevem as diferenças.

Deslocando o centro, desconstruindo o conceito metafísico de origem, Derrida retoma o conceito nietzschiano de valor, para mostrar que pensar um ponto originário, centrado, é recalcar a *différance* e o suplemento* e, nesse sentido, limitar o jogo* das significações.

1. Cf. *ED*, p. 231.

ORIGEM (*ORIGINE*)

Pensada na e pela metafísica ocidental e estruturada dentro do conceito de tempo e espaço de modo geral e principalmente em sua forma tradicional (lógica da identidade), a origem pressupõe um centro interno ou externo, habitado pela verdade, que se manifestaria por meio de cópias, simulacros, como simples deslocamentos de metáforas[1].

A problemática freudiana, conduzindo a um significado que se dá em posterioridade*, abala o conceito de tempo e, conseqüentemente, de origem, e permite a Derrida pensar a desconstrução* da metafísica ocidental a partir da própria impossibilidade de se atingir a origem.

Derrida, ao solicitar* o conceito de "origem", torna possível pensar a escritura* sem referente, pensar a *différance** nas diferenças. Dessa forma, não trabalha com o núcleo original, mas com o que chama de "secundariedade originária", onde se inscrevem as diferenças.

Deslocando o centro, desconstruindo o conceito metafísico de origem, Derrida retoma o conceito nietzschiano de valor, para mostrar que pensar um ponto originário, centrado, é recalcar a *différance* e o suplemento* e, nesse sentido, limitar o jogo* das significações.

1. Cf. *ED*, p. 231.

PAI (*PÈRE*)

Núcleo de um sistema metafórico presente no discurso platônico, utilizado para acentuar a origem* do *logos*, da escrita fonética, que teria na presença do autor (pai) um ser sempre a defender seu filho-texto, a protegê-lo e a velar pela sua verdade. Pai, Deus, rei, sol, capital, bem, chefe, metáforas que marcam o *valor*, a *hierarquia**, a *força*, a *violência* e o domínio da "verdade" presente no discurso por aquele que o cria, o assiste e responde por ele.

A *escritura**, letra morta, grafada em monumento, fria e ausente, se dá como um discurso *parricida*: assassina seu pai, escapa de seu controle, significa em sua ausência. Este ato de força lhe concede autonomia, liberdade para *inseminar-se* e *disseminar-se*, longe do olhar paterno e de sua voz. O *parricídio* é a especificidade mesma da escritura, a afirmação do filho.

"Escrever é retirar-se. Não para a sua tenda para escrever, mas da sua própria escritura. Cair longe da sua linguagem, emancipá-la ou desampará-la, deixá-la falar sozinha, o que ela só poderá fazer escrevendo." [1]

Para Derrida, remetendo-nos a uma posição freudiana, será o texto que engendrará seu pai. "Trata-se realmente de um trabalho, de um parto, de uma geração lenta do poeta pelo poema do qual é o pai." [2]

Sarah Kofman, apoiando-se na teoria freudiana, afirma em *L'enfance de l'art*, que "a obra engendra seu pai, pois os personagens devem ser compreendidos como seus duplos, projeção de seus fantasmas e de seus ideais" [3]. Esses fantasmas, no entanto, só poderão ser configurados a partir do texto* e marcam a relação de des-continuidade, de não-presença a si

1. *ED*, p. 61.
2. *ED*, p. 55.
3. Kofman, Sarah, *L'enfance de l'art*, Payot, Paris, 1970.

que se estabelece entre ele e seu autor: o texto constrói seu próprio pai. Esta concepção opõe-se a toda uma crítica tradicional de cunho biográfico que buscava estabelecer uma relação direta, contínua, entre o autor (pai) e a obra.

PALEONÍMIA (*PALÉONYMIE*)

O uso da paleonímia[1] está ligado ao gesto desconstrutor* em Derrida, principalmente a par de noções como as de ruptura/redobramento*, na medida em que se destina a um questionamento das funções históricas de oposições conceituais já clássicas. É, de certa forma, uma estratégia que visa a desconstruir um sistema logocêntrico*, não por opor conceitos contrários entre si (por exemplo: o de metafísica ao de não-metafísica), mas por trabalhar textualmente o próprio conceito e, acima de tudo, por encadeá-lo a um movimento de diferença*. Para isso, são estudados termos, conceitos e noções na sua própria conflituosidade; conflituosidade esta que foi abafada e/ou despercebida numa certa homogeneidade unívoca não questionada. O comportamento da paleonímia se dirige a uma elaboração do nome (conceito) retirado de um sistema de pré-suposição e elucidando-o sem a segurança de um pré-saber. Assim, ao risco de fazer circular velhos conceitos e/ou nomes já carregados, opõe-se uma estrutura de interrogação prática que se utiliza principalmente do redobramento encadeador como comportamento questionante.

1. Cf. "Hors livre", *D*.

PHARMAKEIA

No *Fedro,* primeira malha do texto, segundo Derrida, que comporta alusão a veneno e/ou remédio, a administração da droga. *Pharmakeia* compõe com *pharmakon**, *pharmakeus**, *pharmakos**, a cadeia de significantes que Derrida vai chamar de a *pharmacie** de Platão.

No início do *Fedro,* alusão à ninfa que brincava com Orítia, quando esta foi raptada pelo vento Bóreas às margens do Ilissus. Sócrates, interpretando de modo racional o mito, atribuía a morte de Orítia a sua precipitação nos rochedos.

Para Derrida, *pharmakeia* será a primeira malha, ou mácula, marcada no fundo desse tecido, que é o texto platônico. Sua presença não é fruto de um acaso. *Pharmakeia,* nome que designava a administração do *pharmakon,* da droga (remédio e/ou veneno), era empregado correntemente como "envenenamento".

A possibilidade de significação dessa primeira malha textual é garantida pela própria condição da cadeia, que faz com que cada um de seus elementos, num movimento de suplementaridade*, possa atuar indistintamente, sem hierarquia*. *Pharmakeia* remetendo a *pharmakon* e vice-versa. Remissão constante, simultânea, que não obedece a nenhum privilégio.

Pharmakeia, originando-se do exterior, levou à morte uma pureza virginal e um interior intocado. Fora do corpo, uma droga, um veneno, que se introduz no mais profundo da alma. A mancha, a mácula, que se introduz por *effraction,* violência.

Antecipa o *pharmakon,* instaurando a ambivalência dentro/fora, alma/corpo, vital/mortal.

PHARMAKEUS

Termo grego que designava, simultaneamente, mágico, feiticeiro, envenenador. Sócrates, nos diálogos platônicos, é freqüentemente apresentado como um *pharmakeus*. A magia socrática opera pelo *logos*.

Enquanto *pharmakeus,* Sócrates designa o próprio método dialético* que faz com que se descubram em tudo dificuldades e se incitem outros a procederem da mesma maneira. O *logos* socrático, a palavra demoníaca (*daimon*) se assemelha a uma poção venenosa, porque seu traço invade a alma daqueles que a ouvem. Introduz-se no interior do corpo, atua por *effraction*.

Quando não acontece dessa maneira, a palavra socrática provoca uma espécie de narcose, paralisia, que acarreta a aporia na alma dos seus discípulos, como dirá Menon no *Gorgias*.

Sócrates, tomado por envenenador, enfeitiçador — *pharmakeus* —, volta-se para o significado privilegiado do *pharmakon**, como é próprio dessa cadeia de significantes: veneno contra veneno. Cada elemento tendo sua significação antecipada pelo traço de outro.

Possibilidade para o analista de ler o texto platônico em qualquer uma de suas direções, já que não existe centro fixado, nem privilégio. Dentro da lógica (gráfica) do suplemento*, como chama a atenção Derrida.

PHARMAKON

Elemento indecidível*, que não pode ser apreendido pelas oposições binárias remédio/veneno, bem/mal, dentro/fora, palavra/escritura, constituindo-se na cadeia aberta da *différance**.

A palavra *pharmakon* comporta na língua grega diversos significados: filtro, droga, remédio, veneno e ainda operação, gesto (*coup*) [1]. No *Fedro, pharmakon* vai ser caracterizado na sua ambigüidade irredutível de remédio e/ou veneno. O *vouloir-dire** platônico não desconhecia a polissemia* da palavra. Platão faz referência também a *pharmakon* como sinônimo de pintura: a cor artificial, a tintura química, opondo-se ao desenho natural e vivo.

A tradução de *pharmakon* nas línguas herdeiras da metafísica ocidental tem o caráter de uma *decisão*: opção por apenas um dos pólos de significação da palavra — o de veneno. Tentativa de neutralizar o jogo* citacional, a escritura anagramática* platônica. Decisão que implicou o rebaixamento da escritura* em favor da *phoné*. Decisão ilusória, que se deixou enganar. Decide a significação de um elemento cuja propriedade é ser indecidível.

No diálogo entre os interlocutores de um dos "mitos" inventados por Sócrates, o da invenção da escrita, por uma estratégia*, por uma questão de poder, por uma atitude política, cada um dos personagens *decide* o pólo de significação de *pharmakon* — escritura — que melhor lhe convém: Thot opta por remédio (auxiliar para a memória, conhecimento para os egípcios); Tamus ressalta a ineficácia desse remédio, pois este se subtrai à sua eficácia: à fala plena do rei-deus-sol-pai*. Plena, presente, saber vivo que se opõe à escritura, que é saber morto, repetitivo, parricida, afastada da presença*, carente da assistência paterna.

---

1. Segundo o *Dictionnaire Etymologique dela Langue Grecque,* de E. Boisacq, Havers deriva *pharmakon* de *pharma,* que quer dizer golpe, lance.

O suplemento perigoso da fala. O veneno que Tamus denuncia como debilitante para a memória. Penetra por violência (*effraction*) nesta, afeta-a e hipnotiza-a no seu interior.

Platão parece não acentuar essa passagem (o efeito positivo da escritura para negativo). Estrategicamente apenas. As traduções *a posteriori* deixaram-se enganar pelo *vouloir-dire* platônico, "que dá a resposta do rei como a verdade da produção de Thot, e sua palavra como a verdade da escritura. . ." [2].

O *pharmakon,* a anti-substância, sem essência, impróprio, não-idêntico a si, só pode ser visto na gráfica do suplemento*. Em *différance**. É o meio (*milieu**) anterior no qual se produz toda diferenciação, onde se opõem os opostos. Mantém em reserva os diferentes (*différents*) e os diferendos (*différends*).

Pela capacidade contida no *pharmakon* de se fazer passar de um significado a outro, por sua reversibilidade original é que Sócrates vai reintroduzi-lo no *Fédon,* como filtro do conhecimento, contraveneno, antídoto, dialética. A farmácia socrática corresponde à operação de exorcismo: espanta os fantasmas que aterrorizam o indivíduo. Põe em fuga o medo da morte. Repele os falsos discursos, o charlatanismo, a sofística.

É esse *pharmakon* invertido, agora dialético, que vai penetrar na alma daqueles que ouvem Sócrates, sob a forma de belos discursos, caminho para a sabedoria. O *logos* socrático, enquanto *manteia* (*pharmakeus*), palavra divinatória, transformadora, fundamenta em filosofia, em *episteme,* uma prática empírica. Tal atitude já havia sido prenunciada no início do *Fedro,* quando Sócrates denuncia a insuficiência do conhecimento mítico e o caráter logográfico do discurso de Lísias, em favor do preceito délfico "conhece-te a ti mesmo". O *delphikon gramma* é que, no *Alcebíades,* vai ser apresentado como antídoto (*alexi-pharmakon*), o contraveneno, a própria dialética.

Derrida apreende esse movimento do texto platônico pelo desvendamento* (*dévoilement*) simultâneo da ante-cena e da cena da palavra *pharmakon,* que "designa também o perfume. Perfume sem essência, [. . .] droga sem substância. Ele trans-

---

2. "La pharmacie de Platon", *D,* p. 111.

forma a ordem em enfeite, o cosmos em cosmético. A morte, a máscara, o disfarce, é a festa que subverte a ordem da cidade, tal como deveria ser regulada pelo dialético e pela ciência do ser" [3].

3. "La pharmacie de Platon", *D,* p. 163.

PHARMAKOS

Termo inexistente no texto platônico, mas que tem sua significação garantida pelo sistema da língua. Sendo sinônimo de *pharmakeus**, a originalidade maior da palavra é de ter sido supradeterminada pela cultura grega para designar uma outra função: a de bode expiatório.

O fato de *pharmakos* inexistir no texto platônico não invalida sua importância na leitura do discurso socrático, já que mantém relações virtuais, dinâmicas, com todas as palavras de língua grega. É a possibilidade de os elementos da cadeia se apreenderem uns aos outros por seus traços, que faz com que *pharmakos* se comunique com *pharmakon**, *pharmakeus**, *pharmakeia**.

A cerimônia do *pharmakos* era uma das mais antigas práticas de purificação. Imolavam-se os indivíduos degradados e inúteis a fim de se expurgarem os males sofridos pela cidade: a peste, a fome, etc., decorrentes da cólera dos deuses. Cerimônia realizada no sexto dia das Targélias (o dia em que Sócrates nasceu).

O *pharmakos* representava o mal, o fora. Era necessário sacrificá-lo. Enquanto bode expiatório, Sócrates vai ser o que traz em si as culpas da cidade, ao mesmo tempo que ameaça de *fora* o corpo interior da *polis,* a segurança, a profundidade da alma e o *dentro* intocado.

Pharmakos, apreendido na gráfica do suplemento*, é o excesso prejudicial, perigoso, que se introduz por *effraction* no dentro. Como um veneno. Como um *pharmakon.* A cerimônia do bode expiatório se traça nos limites do *dentro* (*dedans*) e do *fora* (*dehors*). Intramuros/extramuros.

Para Derrida, o texto platônico trata da reabilitação desse *pharmakos,* que é Sócrates. Platão escreveu após sua morte. A condenação sendo causada pela própria palavra socrática: o *logos* é o *pharmakon,* como veneno, ameaça à integridade das leis, da *polis.*

O *pharmakos*-Sócrates recusa a se defender, rejeita o *discurso logográfico* de Lísias em seu favor. Aceita a morte.

POLISSEMIA (*POLYSÉMIE*)

Possibilidade ampla de significação de uma palavra e de um texto*, de jogo* nunca marcado, de significado aberto. Acúmulo de sentido, remetendo simultaneamente a toda uma pluralidade de suas significações.

Para Nietzsche, "não há um só acontecimento, um só fenômeno, uma só palavra, um só pensamento cujo *significado* não seja múltiplo. Qualquer coisa é ora isto, ora aquilo, ora alguma coisa de mais complicado, de acordo com as forças (os deuses) que a ocupam" [1].

Em *La dissémination*, Derrida nos apresenta a ampla significação de alguns termos privilegiados no seu discurso, os fios condutores de sua *interpretação** no texto platônico, empregados *estrategicamente*. Um deles, *pharmakon**, metáfora para escritura, inscreve-se na cadeia de significantes constituída por *pharmakeia**, *pharmakeus**, *pharmakos**, e abre as possibilidades de significação no jogo da escritura. Por outro lado, *pharmakon* é como uma não-substância e uma não-essência, sem origem* presente. Sua polivalência confere-lhe como que uma *não-identidade*: não existindo um sentido fixo [2]. Seu significado oscila entre os dois pólos, o manifesto e o latente, o positivo e o negativo, a cena e o fundo da cena.

Os *corredores de sentido* (intertextualidade*) permitirão que se lance mão de uma série de outros textos na construção de um significado que só se dará no cotejo das *diferenças** nos diferentes textos, afirmando assim o caráter relacional e descentrado da significação.

O mesmo ocorre no discurso onírico, pela ampla *margem* de possibilidades e hipóteses interpretativas. Afirmará Freud que por mais que se tenha conseguido o desvelar da cena latente, restará ainda algum elemento por ser interpretado.

---

1. Deleuze, G., *Nietzsche e a filosofia*, p. 4.
2. Cf. *D*, p. 79.

POSTERIORIDADE (*APRÈS-COUP*)

Termo usado por Freud [1] para designar uma temporalidade específica do aparelho psíquico, que reconstitui *a posteriori* o sentido de uma determinada experiência vivida, cujo significado é construído numa releitura dos traços mnésicos. O significado desta experiência não se dá no momento do acontecimento, nem tampouco através de uma percepção consciente. As cenas do passado atuam de maneira diferida, como suplemento*, num tempo que não é mais o determinismo do tempo da mecânica.

1. Cf. mesmo verbete em: Laplanche-Pontalis, *Vocabulário da psicanálise, Lisboa,* Martins Pontes, 1970.

PRESENÇA (*PRÉSENCE*)

"A presença de um elemento é sempre uma referência significante e substitutiva inscrita num sistema de diferenças e o movimento de uma cadeia." [1]

A metafísica logocêntrica colocou a presença, designada por *eidos, archè, telos, energeia, ousia* (essência, existência, substância, sujeito), *aletheia* (transcendentalidade, consciência, Deus, homem), como forma matricial do ser como identidade a si. O privilégio concedido à consciência e ao presente vivo é solidário com o privilégio da *phoné* (fonocentrismo*) e com a condenação da escritura como ameaça à presença, na medida em que se estabelece como não-presença. Considerada como ponto de origem*, centro e fundamento de toda estrutura*, a função da presença* — significado transcendental* — foi a de sempre orientar, equilibrar e organizar a estrutura, neutralizando ou limitando as possibilidades do jogo*.

O questionamento ontoteológico do ser como presença, da consciência como querer-dizer* (*vouloir-dire*) da presença a si, pôde se estabelecer a partir de uma aquisição teórica que critica os conceitos de ser e de verdade (substituindo-os pelos de jogo e de signo sem verdade presente) de consciência, de sujeito, de identidade a si.

Para Derrida, são principalmente os discursos de Nietzsche, Freud e Heidegger que importam, pela sua radicalidade, para solicitar* a metafísica da presença.

O descentramento* instala a ausência de um significado transcendental e abre as possibilidades do jogo, que é o "jogo da ausência* e da presença", um movimento de remissões substitutivas-suplementaridade em que a presença se inscreve como "determinação" do ser presente, ela mesma não se apresentando jamais como tal. A presença passa a ser um efeito de escritura*: "o traço é o desaparecimento de si, da sua própria-presença" [2].

---

1. *ED*, p, 248.
2. *ED*, p. 226.

QUERER-DIZER (*VOULOIR-DIRE*)

O sujeito como consciência se anuncia como presença a si. A definição de Husser, "as expressões são signos que querem dizer" (*veulent-dire*), deve ser compreendida como o momento em que, pela decisão de um sujeito, o significado passa a habitar um signo [1], transformando-o em expressão pelo "sopro animador da fala".

A ex-pressão é exteriorização. Imprime num certo fora um significado que se encontra num certo dentro. "O fora não é nem a natureza, nem o mundo, nem uma exterioridade real em relação à consciência [...]; o querer-dizer visa um fora, que é o de um objeto ideal. Este fora é então ex-presso, passa fora de si num outro fora que está sempre *na* consciência." [2] "O significado só pode permanecer em si na voz e na voz 'fenomenológica'." [3]

A expressão como signo querendo dizer (*voulant dire*) é, pois, uma dupla saída para fora de si do significado: *em si*, na consciência, e *perto de si.*

O privilégio concedido à consciência significa o privilégio concedido ao presente. Mesmo se se descreve a temporalidade transcendental da consciência, como o fez Husserl, é ao presente vivo que se concede o poder de síntese e de reunião incessante de traços.

Não se pode limitar tal fechamento sem solicitar* o valor de presença* que Heidegger mostrou ser a determinação ontoteológica do ser. E ao solicitar este valor de presença, nós interrogamos o privilégio absoluto dessa forma ou desta época da presença em geral que é a consciência como querer dizer na presença a si.

---

1. Husserl distingue na palavra "signo" (*Zeichen*) duas significações: "O signo 'signo' pode significar 'expressão' ou 'índice'". Cf. *VPh,* p. 2.
2. *VPh,* p. 34.
3. *VPh,* p. 35.

A expressão é uma exteriorização voluntária, decidida, consciente de parte a parte, intencional. A intenção voluntária da expressão se confirma porque: "Aquilo que 'quer dizer' (*veut dire*) 'o que' o querer-dizer quer dizer, *la Bedeutung*, está reservado àquele que fala, na qualidade daquele que diz o que 'quer' dizer: expressamente, explicitamente e conscientemente"[4].

A função da expressão (do *vouloir-dire*) não é a de comunicar, de informar, de manifestar, isto é, de indicar. O homem não aprende nada sobre ele mesmo no discurso solitário, a certeza da existência interior não precisa ser significada. Mas, cada vez que a expressão se produz de fato, comporta um valor de comunicação mesmo se nele não se esgote.

4. *VPh*, p. 36.

RASURA (*RATURE*)

A rasura instaura uma economia* vocabular. O entre-aspas, o tipo gráfico da impressão, as letras riscadas e as expressões irônicas devem ser entendidas como manifestações da estratégia desconstrutora em Derrida. Usando termos de uma linguagem que quer desconstruir, Derrida abala esta linguagem e inscreve um sentido outro além dela (v. paleonímia*).

Sendo a rasura uma modalidade de solicitação* e estratégia*, funciona como elemento regulador da polissemia* e estabelece uma lógica de suplementaridade* na própria sintaxe em que se inscreve.

RECORDAÇÃO FANTASIOSA (*SOUVENIR FANTASME*)

A recordação fantasiosa, como aparece em Freud, é a resultante de um processo de recalque pelo qual uma recordação indiferenciada ou secundária, isto é, aparentemente insignificante, encobre uma impressão afetiva importante que esbarrou com certa resistência. Portanto, conserva-se por um vínculo associativo, num mecanismo de deslocamento, como uma recordação reprimida. É um sintoma.

A recordação fantasiosa dá-se como substituta e pode deslocar-se temporalmente de três formas [1]:

a — retroativamente: quando a recordação secundária pertence à infância e a reprimida, que a representa, é de uma época posterior: a recordação fantasiosa está na frente da essencial;

b — deslocamento por antecipação: quando a impressão é de época posterior à recordação reprimida: a recordação essencial está atrás da recordação fantasiosa;

c — quando ambas se processam num mesmo tempo, isto é, a recordação fantasiosa é contemporânea da impressão afetiva que cobre.

1. Kofman, Sarah, *El nacimiento del arte,* Buenos Aires, Siglo XXI, 1973, cap. III.

RENVERSEMENT [1]

Um dos movimentos da operação de desconstrução*, o *renversement* marca na filosofia ocidental não uma coexistência pacífica, mas uma violenta hierarquia* das oposições. O *renversement* não elimina o centramento, antes opera no campo que se desconstrói e não chega a se constituir como transgressão.

Pela leitura desconstrutora*, marca-se a filosofia ocidental como determinada por contradições: inteligível/sensível, presença/ausência, *mnemè/hypomnèsis,* dentro/fora, fala/escritura, etc. Estas contradições são hierarquizadas, isto é, um pólo da contradição é valorizado e o outro é recalcado. Estabelece-se então o privilégio do inteligível, da presença*, da *mnemè,* do dentro e da fala, privilégios estes englobados e mesmo determinados pelo centramento no *logos,* verdade que se dá ao conhecimento do homem pela fala; daí o fonocentrismo* ser parte de uma mais ampla cadeia de centramentos comandada pelo *logos*.

A leitura desconstrutora se faz por um duplo gesto:

a — *renversement* — esse primeiro movimento consiste em desrecalcar o dissimulado e inverter a hierarquia das oposições. Faz parte da estratégia* geral de desconstrução*. A necessidade desse movimento é justamente marcar a hierarquia*. Esse movimento não é uma fase no sentido cronológico, nem um momento dado que poderia ser saltado ou abandonado. Trata-se de uma necessidade estrutural e suprimi-lo é simplesmente neutralizar as oposições. Mas apenas com esse movimento *permanece-se* no campo que se quer desconstruir, assegura-se o domínio das contradições, mesmo porque, diz Derrida, não se trata de opor um grafocentrismo a um logocentris-

1. Preferimos manter os termos *renversement* e *renverser,* como no original. Os termos mais aproximados do português são inversão e inverter, como estão traduzidos na *Gramatologia.*

mo*, nem, em geral, nenhum centro a outro. Daí a necessidade de um outro gesto para se completar a desconstrução e o descentramento*.

b — transgressão — para que haja a transgressão dos limites do fechamento da metafísica ocidental, é necessário o surgimento de "conceitos" que não se deixem compreender pelo sistema desconstruído. Não basta recorrer ao conceito de escritura e *renverser* simplesmente a dissimetria. Trata-se de produzir um novo conceito de escritura*.

REPETIÇÃO (*RÉPÉTITION*)

Termo passível de ser explicado a partir de traço mnésico, em Freud, e que aparece, no texto de Derrida, relacionado com um primeiro gesto do movimento des-construtor* da origem* (enquanto centro).

A idéia de centro pressuporia a de uma forma matricial, passível de eterna repetição. Ora, a proposição de Derrida é de que não existe origem, forma matricial; existe apenas o *traço,* que é origem da origem e que, se é traço, é sempre já repetição. Não existe uma "primeira vez" e "é por isso que se deve entender 'originário' sob rasura*, sem o que derivaríamos a *différance** de uma origem plena. É a não-origem que é originária"[1].

A *repetição* seria, junto com o *traço* e a *différance,* uma proteção da vida contra a morte, que está ligada em Derrida ao processo da *representação**. "É preciso pensar a vida como um traço antes de determinar o ser como presença. É a única condição para poder dizer que a vida *é* a morte, que a repetição e o para além do princípio do prazer são originários e congenitais àquilo mesmo que transgridem." [2] Partindo de uma colocação freudiana, com que parece concordar, Derrida pode colocar que "o presente em geral não é originário mas reconstituído" [3], isto é, repetido.

A idéia de repetição está, é claro, implicada com a idéia de força: "A força produz o sentido (e o espaço) apenas com o poder de 'repetição' que o habita originariamente como a sua morte"[4]. Ou ainda: "Este poder [...] transforma o idioma absoluto em limite sempre já transgredido: um idioma puro não é uma linguagem, só passa a sê-lo repetindo-se; a repetição desdobra sempre já a ponta da primeira vez" [5].

---

1. *ED,* p. 188.
2. *ED,* p. 188.
3. *ED,* p. 201.
4. *ED,* p. 203.
5. *ED,* p. 203.

No fim de "La pharmacie de Platon", antes de deixar Platão fechar sua farmácia, Derrida fecha também o que ele, até aí, entende por repetição. Questionando a dualidade platônica que postula uma boa repetição (auxiliar da *mnemè* — repetição de vida) contrária à má repetição (auxiliar da *hypomnèsis* — repetição de morte), mostra que as duas não podem existir separadamente, o que lhes permite a existência é o gráfico da *suplementaridade**: "pensado nesta reversibilidade original, o *pharmakon** é o *mesmo* precisamente porque ele não tem identidade. E o mesmo (existe) em suplemento. Ou em *différance*. Ou em escritura*"[6].

6. *D,* p. 195.

REPRESENTAÇÃO (*REPRÉSENTATION*)

O conceito de representação, num pensamento essencialmente *fonocêntrico**, dissimula toda a problemática do presente-em-ausência, formulando uma hipótese de signo* que reporta em si o representado. A representação, assim, seria toda a "*apresentação intencional* de um objeto, quer intelectual, quer sensível, pertencente aos sentidos externos ou internos"[1].

Mas, num pensamento desconstrutor*, o ser se dá, enquanto inscrição, não em presença*, mas mediatizado: o signo grafado, escrito, não pode jamais se apresentar como presente, como presença do presente; ele apenas re-presenta o presente [2].

Para Freud, o termo *Vorstellung* atinge mais precisamente a "reprodução de uma percepção anterior" [3] e está no limite oposto do afeto. A realidade não se dá empiricamente, mas como representação, *a posteriori*, e por aquilo que, do objeto, fica inscrito nos traços mnésicos. Dois tipos de representação são admitidos por ele: a que deriva da coisa essencialmente visual (representação de coisa) e a que deriva da palavra, essencialmente acústica (representação de palavra). A distinção tem um alcance metapsicológico, caracterizando a ligação entre as duas representações como uma correspondência entre o sistema pré-consciente-consciente (representação de palavra) e o sistema inconsciente (que compreende apenas a representação de coisa).

É preciso distinguir, também, os termos *Vorstellung* (representação) e *Darstellung* (figuração) como definidos por

---

1. Brugger, Walter, *Dicionário de Filosofia*, São Paulo, Herder, 1962.
2. Cf. "La différance", *TE*, pp. 47-48.
3. Laplanche-Pontalis, *Vocabulário da psicanálise*, Lisboa, Martins Fontes, 1970.

Sarah Kofman [4], ao tratar da caracterização do texto de arte e do sonho, que representam mais no sentido de *Darstellung* do que propriamente de *Vortellung* (representação referida a uma presença e a um significado exteriores).

4. Cf. Kofman, Sarah, *El nacimiento del arte,* Buenos Aires, Siglo XXI, 1973, p. 47.

RUPTURA E REDOBRAMENTO
(*RUPTURE ET REDOUBLEMENT*)

A noção de ruptura se faz em Derrida [1] aliada ao deslocamento do pensamento etno-logo-fonocêntrico* que constituiu a cultura européia, tomando-a como limite de referência para a delimitação de um campo epistemológico. Esse "acontecimento" de ruptura possibilitou a passagem para além das fronteiras desse campo.

A ruptura é a forma exterior de um comportamento que tem como iniciativa a desneutralização da estruturalidade da estrutura*, presa a um centro fixo antes de ter sido pensada em repetição*, isto é, em redobramento. A determinação de um campo epistemológico para uma reflexão organizada impõe uma postura de encadeamento, duplicação em coexistência, em oposição à série de substituições infindáveis de um centro a outro, que ocorria antes da disrupção, antes dos discursos destruidores (Heidegger, Nietzsche, Freud). A ruptura possibilita a passagem, pelo redobramento, de um campo para outro.

1. Cf. "A escritura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas", *ED.*

SIGNIFICAÇÃO (*SIGNIFICATION*)

O gerador de significação é o jogo* relacional dos elementos. A significação é o jogo formal das diferenças*, isto é, de traços. O traço é a *différance** que abre o "aparecer" à significação.

A estrutura sempre esteve neutralizada e reduzida, pois atribuíam-lhe um centro, relacionavam-na a um ponto de presença* e a uma origem* fixa. Com isso limitavam o jogo da estrutura, pois o centro é o lugar em que o jogo dos elementos e dos termos já não é possível. Pelo centro anula-se a possibilidade de permuta e de transformação dos elementos. O centramento da estrutura remete para a determinação do ser como presença e revela-se como um significado transcendental*. Esse significado transcendental ordena a cadeia de significantes mesmo estando *fora* dela.

No momento em que a estruturalidade da estrutura* começou a ser pensada (pela operação de desconstrução*), pensou-se a lei que comandava o desejo do centro: a lei da presença. Pela anulação do centro, da presença, do significado transcendental, amplia-se indefinidamente o campo e o jogo da significação. O signo é sempre substituto, mas não se substitui nada que lhe tenha de certo modo preexistido: o centro deixa de ser um lugar fixo e passa a ser uma função, espécie de não-lugar onde indefinidamente se fazem substituições de signos. Delimita-se o campo e este campo vai ser o de um "jogo, isto é, de substituições infinitas no campo de um conjunto finito. Este campo só permite estas substituições infinitas porque é finito [. . .]. Mas pode-se determinar o centro e esgotar a totalização porque o signo que substitui o centro, que o *supre,* que ocupa o seu lugar na sua ausência, esse signo acrescenta-se, vem a mais, como *suplemento**. O movimento da significação acrescenta alguma coisa, o que faz que sempre haja mais, mas esta adição é flutuante porque vem substituir, suprir uma falta do lado do significado" [1].

1. *ED,* pp. 244-245.

SIGNIFICADO TRANSCENDENTAL
(*SIGNIFIÉ TRANSCENDANTAL*)

Derrida fala de uma ruptura na história do conceito de estrutura. Antes, a estruturalidade da estrutura era limitada pela existência de um centro, de uma origem* fixa, de um ponto de presença*. O centro, a origem fixa, o ponto de presença seria o *significado transcendental*: origem absoluta do sentido.

Questionando-se a existência desse centro, amplia-se o campo da significação e tudo se torna "discurso [...], isto é, sistema em que o significado central, originário ou transcendental, nunca está presente fora de um sistema de diferenças*"[1].

1. *ED*, p. 232.

SIGNO (*SIGNE*)

"O signo é aquilo que, não tendo em si verdade, condiciona o movimento e o conceito da verdade." [1]

O conceito clássico de signo estabelece-se em uma estrutura de remissão e de substituição. "O signo representa o presente em sua ausência, o substitui. Quando não podemos tomar ou mostrar a coisa, passamos pelo desvio do signo [...]. A circulação dos signos difere o momento em que poderíamos encontrar a própria coisa [...]. O signo diferindo a presença*, só é pensável *a partir* da presença que ele difere e *em vista* da presença diferida que se quer reapropriar." [2]

A partir do caráter provisório e secundário do signo na semiologia clássica, assinala-se:

1 — A incompatibilidade entre o movimento que se anuncia em uma leitura desconstrutora*, onde a ausência de significado transcendental* é postulada, e o conceito de signo como representante de uma presença que se busca reapropriar. Esse conceito encontra-se submetido aos princípios de *arché* e *telos*.

2 — A defasagem entre significante e significado, definidos por Saussure como "duas faces de uma mesma folha". Se a origem do significado não é jamais contemporânea, questiona-se a unidade de essência entre significante e significado. "Existiriam dois conceitos irredutíveis que abusivamente se designaram por uma só palavra." [3]

3 — O signo como "unidade de uma heterogeneidade" reúne um significado cuja "essência formal" é a *presença* e um significante que "expressa" um significado, uma presença que se encontra em um certo dentro (na consciência). A tradição fonocêntrica*, que reconheceu na fala a substância que melhor preserva a idealidade e a presença

1. *VPh*, p. 26.
2. "La différance", pp. 47-48.
3. *VPh*, p. 25.

viva, privilegiou o significante fônico por sua proximidade com o *logos* como *phoné* e recalcou o significante gráfico como o *fora* onde a escritura* cai.

4 — "Dizer que pode haver uma verdade para o signo em geral, não é supor que o signo não é a possibilidade da verdade, não a constitui, contentando-se em significá-la, reproduzi-la, encarná-la, inscrevê-la secundariamente ou remeter para esta?" [4] Para Derrida, o signo só pode ser pensado a partir do pensamento do traço (como *différance**), simulacro de uma presença, "origem absoluta do sentido" (o que equivale a dizer que não há origem do sentido em geral) que permite a articulação dos signos, só tendo cada termo como presença o traço a que ele se reduz.

4. *VPh*, p. 25.

SOLICITAR (*SOLLICITER*)

Solicitar de *solus,* em latim arcaico: o todo, e de *citare,* empurrar, significa sacudir com um abalo o todo.

Segundo Derrida, três discursos teóricos abalaram a filosofia tradicional:

a — a crítica nietzschiana: crítica dos conceitos de ser e de verdade substituídos pelos conceitos de jogo*, de interpretação* e de signo* sem verdade presente;

b — crítica freudiana da presença* a si, da consciência, do sujeito, da identidade a si;

c — crítica heideggeriana da metafísica, da ontoteologia, da determinação do ser como presença*.

Solicita-se o sistema metafísico quando se trabalha com categorias e conceitos que excedem, transbordam ou não se deixam compreender por esse sistema. Por exemplo, o "conceito" de traço como o de *différance** implicam toda a crítica da ontologia clássica. A *différance* vem solicitar a dominância do *ente* (*étant*) como determinação do ser em presença. O conceito de *différance* solicita, faz tremer (*trembler*), abalar (*ébranler*) o todo da edificação etno-logo-fonocêntrica*.

SUPLEMENTO (*SUPPLÉMENT*)

O suplemento é uma adição, um significante disponível que se acrescenta para substituir e suprir uma falta do lado do significado e fornecer o excesso de que é preciso.

A lógica (gráfica) do suplemento* (*graphique du supplément*) só é pensável a partir do descentramento*. A ausência de centro, de signiicado transcendental* tomado *arché* e *telos* (origem e fim), possibilita o movimento da suplementaridade (*supplémentarité*), que é o movimento do jogo* das substituições no campo da linguagem.

A lógica do suplemento*, da diferença*, se distingue, em Derrida, da lógica da complementaridade*, ou da identidade, e da oposição binária em que se fundamenta a filosofia clássica, por não estabelecer um terceiro termo como solução para as oposições, ainda que desorganize este sistema.

A compreensão do jogo suplementar (*jeu supplémentaire*), das substituições suplementares, só se torna possível fora do fechamento* da metafísica da presença*, isto é, no espaço da desconstrução* que instala a possibilidade de configuração do signo* (signo sem verdade presente) como suplemento e do estatuto da escritura* como suplementaridade. A ausência de centro e de origem é substituída por um signo flutuante — o suplemento — que se coloca numa determinada estrutura para suprir (*suppléer*) essa ausência e ocupar seu lugar temporariamente. O nível do signo se constitui como um dos níveis da lógica do suplemento que se dá em termos de *différance**. O signo se dá em suplementaridade em relação à coisa em si. O sentido do ser ou da coisa representada não é referido fora do signo ou fora do jogo das substituições e das relações que só podem operar numa cadeia de remissões diferenciais, onde:

a — a fala acrescenta-se como suplemento à presença intuitiva do ente, essência — *ousia, eidos*;

b — a escritura como suplemento acrescenta-se à fala viva e presente a si. No *Fedro,* há a denúncia de que a escritura (*pharmakon**), sob pretexto de suprir a memória,

torna os homens esquecidos. A escritura não consolida a *mnemè* (memória viva e interior), mas só a *hypomnesis* (memória morta, exterior). A escritura é apresentada como suplente sensível, visível e espacial da *mnemè*. Para Derrida, a violência entre *mnemè* e *hypomnesis* se dá em suplemento. Tanto num caso como no outro, trata-se de uma repetição*. A *mnemè* se deixa contaminar pelo seu fora, por seu suplente, a *hypomnesis*. O "fora não começa na junção daquilo que hoje chamamos o psíquico ou o físico, mas no ponto onde a *mnemè*, em lugar de estar presente a si na vida, como movimento da verdade, se deixa suplantar (*suplanter*) pelo arquivo"[1]. O suplemento tem assim estatuto de suplente (*suppléant*) e poder de suplência (*suppléance*). Como suplente intervém e se insinua em lugar de uma presença que só pode se efetivar por procuração de signo suplemento, que assume a forma daquilo a que, simultaneamente, ele resiste, substitui e engloba, por violência. O movimento da suplementaridade possibilita a abertura de uma cadeia de fios suplementares (*fils supplémentaires*) onde um suplemento se deixa "modelar" (*typer*), substituir por seu duplo — suplemento de suplemento.

1. "La pharmacie de Platon", p. 124.

SUPLEMENTO, LÓGICA DO (*SUPPLÉMENT, LOGIQUE DU*)

É impossível se pensar a lógica do suplemento sem ao mesmo tempo pensar uma lógica da *différance**, do *jogo** de relações nunca marcado e sempre aberto, do descentramento*.

A lógica do suplemento é a lógica da não-identidade e da não-propriedade e se insere dentro de todo trabalho desconstrutor empreendido por Derrida frente ao discurso da metafísica ocidental. O suplemento põe fim às oposições simples do positivo e do negativo, do dentro e do fora, do *mesmo* e do *outro,* da essência e da aparência, da presença e da ausência. Sua lógica consiste mesmo em escapar sempre a esse dualismo marcado, à identidade, na medida em que pode ser o dentro e o fora, o mesmo e o outro: sua especificidade reside, pois, nesse "deslizamento" entre os extremos, na ausência total de uma *essência*:

"Por que o suplemento é perigoso? Ele não o é, podemos dizer, em si, naquilo que nele poderia se apresentar como uma coisa, um ente presente. Ele seria então tranqüilizador. O suplemento, aqui, não existe, não é um ente (*on*). Mas ele não é também um simples não-ente (*mé on*). Seu deslizamento furta-o à alternativa simples da presença e da ausência. Este é o perigo. E o que permite sempre ao tipo de se fazer passar pelo original. A partir do momento em que o fora de um suplemento se abre, sua estrutura implica que ele próprio possa se fazer 'modelar', se fazer substituir por seu duplo, e que um suplemento de suplemento seja possível e necessário." [1]

É essa *disponibilidade de significação,* inerente à lógica do suplemento, que irá constituir o estatuto da *escritura**. Do mesmo modo que Thot ("aquele que nunca tem um lugar marcado no jogo das diferenças") [2], seu deus dentro do mito

1. *D,* pp. 124-125.
2. *D,* p. 105.

criado por Sócrates no *Fedro*, a escritura possui seu significado sempre em jogo dinâmico. Este jogo está sempre sujeito às *forças* que o ocupam e o impulsionam dentro do espaço aberto da *polissemia** e da *intertextualidade**.

TEMPORIZAÇÃO (*TEMPORISATION*)

Conceito ligado estreitamente ao de espaçamento*, é um dos sentidos do verbo latino *differre* (*différer*): temporizar, "recorrer, consciente ou inconscientemente, à mediação temporal e temporizante de um desvio, suspendendo a realização ou o preenchimento do 'desejo' ou da vontade, efetuando-o de tal maneira que anule ou reduza o efeito" [1].

A temporização faz com que a relação com o *presente,* a referência a uma realidade *presente,* a um "ente" (*étant*), sejam sempre diferidas (*différés*), tendo por base o *princípio da diferença**, que faz com que um elemento só signifique e funcione remetido a um outro elemento, passado ou futuro, em uma *economia* de traços.* Participa, portanto, do *movimento da différance**.

Esse aspecto econômico do jogo de traços e da *différance* torna a temporização, bem como o espaçamento, inseparáveis do conflito de forças.

---

1. "La différance", *TE,* p. 46.

TEXTO (*TEXTE*)

"Um texto só é um texto se ele esconde, ao primeiro olhar, ao primeiro que aparece, a lei de sua concepção e a regra de seu jogo. Um texto permanece, aliás, sempre imperceptível. A lei de sua composição e a regra de seu jogo não se abrigam no inacessível de um segredo, simplesmente elas não se entregam nunca, no *presente,* a nada que possamos rigorosamente chamar uma percepção." [1]

Um texto se dá sempre numa cena de re-presentação*, e, assim sendo, ter-se-á que observar a *cena* e o *fundo da cena,* o conteúdo manifesto e o conteúdo latente, pois o manifesto é sempre uma *dissimulação,* mascaramento do sentido do texto, que nunca se oferece pleno e presente.

Talvez fosse mais pertinente falar de um *sistema textual,* visto que, graças ao trabalho do *enxerto**, um texto é sempre depositário de elementos vindos de outros textos, o que vem apontar então para o caráter intertextual* que deverá ter sua leitura. Esses elementos enxertados, traços suplementares no *"tecido"* textual, serão os *fios* dessa *malha* de relações que se há de descoser, destecer, desvelando sua *textura* de diferenças* e de semelhanças para a *construção* do significado. O uso dessas metáforas por Derrida (tecido, fio, malha, tela, trama) não só mostra o amálgama das relações e "remessas significantes" produzidas no jogo textual, como também sua dupla ação: contribui para o trabalho de *dissimulação* do sentido do texto, disfarçando-o e envolvendo-o, ao mesmo tempo que permite o seu desvendamento*, a partir do instante no qual se começa a destecer a *tela,* que, sendo tal, esconde ao mesmo tempo que re-vela.

Restaria ainda considerar que a idéia de *contexto,* para Derrida, não possui o sentido comum de "conjunto de presenças que organizam o momento da inscrição", contexto este dito "real" e no qual se coloca também o *vouloir-dire** do au-

1. *D,* p. 71.

tor. No âmbito de uma posição semiológica, o contexto se dá como texto*: texto que se inscreve na *margem** de um outro texto, suplementando-o. Assim, dentro do discurso de "La pharmacie de Platon", o texto da mitologia egípcia se inscreve como contexto do discurso platônico.

TRADUÇÃO (*TRADUCTION*)

A tradução é um ato de *força* do tradutor, na medida em que não leva em conta todos os significados latentes, permanecendo apenas no nível manifesto. É sempre *centrada* por querer colocar um dos níveis da significação como depositário de todo o significado.

O termo, quando traduzido, apresenta um só de seus pólos; no entanto, este mesmo termo é passível de mostrar outras faces, ocultas pela tradução, que as neutraliza.

O tradutor, ao privilegiar um dos significados, neutraliza o jogo citacional, o anagrama que se insere no limite da textualidade do texto traduzido [1]. Esta tradução feita com parcialidade já trai a posição do tradutor.

Veja-se a reflexão de Derrida a respeito do termo grego *pharmakon**, no texto de *Fedro*: a tradução sempre determinou o seu significado tomando como referência o contexto, anulando todo o jogo de significações contido neste termo, a ponto de nem os tradutores nem os comentadores de Platão o terem percebido.

"A tradução corrente de *pharmakon* por remédio — droga benéfica — não é certamente inexata. Não somente *pharmakon* podia querer dizer remédio e apagar, numa certa superfície de seu funcionamento, a ambigüidade de seu sentido. Mas, é evidente que, sendo a intenção declarada de Thot a de fazer valer o seu produto, ele faz a palavra girar em torno de seu estranho e invisível eixo, e a apresenta sob um único e o mais tranqüilizador de seus pólos." [2]

1. Cf. "La pharmacie de Platon", *D*, p. 111. V. "Leitura e escritura anagramáticas".
2. *D*, p. 109.

ÍNDICE (Português)

ÍNDICE (Francês)

de repensar o texto literário dentro de um enfoque interdisciplinar, em que a Filosofia, a Lingüística, a Antropologia e a Psicanálise se transformaram em domínios conexos, que o estudioso de Literatura deve conhecer para realizar razoavelmente sua tarefa.

Tendo passado alguns anos na França, onde fez doutoramento na Sorbonne com tese sobre André Gide, e lecionado mais de dez anos em diversas universidades americanas, o professor Silviano Santiago conheceu de perto Jacques Derrida, que manifestou o maior interesse pela realização desta pesquisa. Regressando ao Brasil, o professor encontrou no Departamento de Letras da PUC/RJ o clima necessário para a realização desse trabalho. E aí, como supervisor dos cursos de Literatura Brasileira, integrou-se no grupo de professores que também publicam sistematicamente as pesquisas feitas com seus alunos.

Affonso Romano de Sant'Anna

Série PARA LER

Desde o início dos anos 60, os estudos de Ciências Humanas sofreram uma reviravolta radical. Reforçou-se a noção de que a linguagem é o ponto de partida para qualquer discussão epistemológica sobre a produção do conhecimento. E, ao mesmo tempo, saiu-se das muralhas rígidas da divisão disciplinar (imposta pela ideologia da "especialização" acadêmica) para uma leitura interdisciplinar dos vários problemas sócio-culturais ou estéticos.

O estudioso brasileiro viu-se, de repente, face a uma série de trabalhos novos, revolucionários e de difícil acesso. Trabalhos que requisitavam sua meditação e o motivavam a questionar nosso passado e nossa formação culturais.

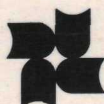
Esta série pretende apresentar ao estudante brasileiro, em linguagem didática, os principais problemas apresentados pelas obras dos pensadores que estão ajudando a reformular a problemática do conhecimento nas Ciências Humanas.

Primeiros volumes:

Para ler Kant
Gilles Deleuze

Para ler Bachelard
Hilton F. Japiassu

Para ler Benjamin
Flávio F. Kothe



edições francisco alves